



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Práticas Educativas Parentais e
Comportamentos de Risco na
Adolescência

Cátia Sofia Reis Proença

Orientador de Dissertação: Prof. Doutor José Castro Silva

Coordenador de Seminário de Dissertação: Professora Doutora Margarida Alves
Martins

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Educacional

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutor José Castro Silva apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional.

Agradecimentos

Aos meus Pais e à minha irmã, sem dúvida, foram o meu pilar e sem eles este sonho jamais se teria concretizado. Por todos os valores que me transmitiram, por me darem a liberdade de realizar as minhas escolhas e por me encorajarem a sonhar. Espero que esta etapa, que agora termino, possa de alguma forma poder retribuir todo o esforço, dedicação, amor e investimento que tiveram por mim ao longo dos anos.

A toda a minha família, avós, tios e primos, por me fazerem acreditar que sou uma sortuda por vos ter na minha vida.

À Kiki e à Débora, amigas do coração, que sempre acreditaram em mim, nunca me deixaram desistir e pela enorme amizade que construímos. Obrigada pelas conversas infundáveis e pelas palavras de conforto que sempre me deram.

À Sara e à Inês, as de sempre e as melhores, por estes sete anos de amizade, companheirismo, partilha e aventuras. Levo-vos comigo para a vida.

Ao Diogo, à Patrícia, ao Timothy e ao Fábio, que me deram a força que precisava nos momentos certos, acreditando sempre em mim. Mesmo quando parecia não haver saída, fizeram-me ver a luz ao fundo do túnel.

À Marta e ao Pedro por todo o apoio e amizade, pela paciência e pelos conselhos sábios.

À Paulinha, Laidinha, Betinha e Adriana pela amizade e por me fazerem sempre ver o lado positivo das coisas. Obrigada pela coragem e pelas palavras de conforto que sempre têm para me dar.

À Cynthia, ao André, à Mariana e ao Joel por estarem sempre presentes, mesmo estando longe. O lugar que vocês ocupam no meu coração é enorme.

Ao meu orientador, Professor José Castro Silva, por todo o apoio prestado, por ser uma referência para mim, por toda a motivação e orientação prestada durante o percurso, pela partilha de conhecimentos, pela enorme disponibilidade em ajudar-me. Foi um percurso atribulado, mas as palavras de motivação e compreensão nunca faltaram.

À professora, Margarida Alves Martins, pela motivação dada e pela ajuda preciosa que me prestou, principalmente nesta fase final.

A todos os professores com os quais tive o prazer de aprender ao longo do meu percurso, sem dúvida, que me fizeram acreditar que o ISPA foi a escolha certa. Um agradecimento especial à Professora Júlia Serpa Pimentel e ao Professor José Morgado, sem dúvida que marcaram a diferença na minha visão da Psicologia Educacional.

Ao ISPA, que muitas vezes foi a minha segunda casa, onde pude crescer e aprender, que me acolheu de uma forma sem igual e me fez sonhar.

A todas as pessoas, com as quais me cruzei ao longo destes sete anos, no ISPA, especialmente, aos meus padrinhos Joana e Gonçalo, às minhas afilhadas Joana e Rita, às minhas eternas caloiras Carina e Inês e à minha colega de grupo durante os três primeiros anos a Gil, sem dúvida têm um lugar especial guardado no meu coração.

Ao meu trabalho, especialmente aos meus superiores, pela compreensão e por permitirem flexibilidade a nível de horários e férias, para a concretização deste objectivo.

À Cândida e à Gato, por serem umas colegas excepcionais e pela alegria que me proporcionaram no trabalho, mesmo quando o cansaço falava mais alto.

À Escola, pela abertura e disponibilidade na realização dos inquéritos.

Às minhas estrelinhas e guias da sorte, senti que me ajudaram neste percurso, em especial na fase final, que para mim foi dura. Profunda Gratidão.

A todas as pessoas que marcaram a minha vida, agradeço por me mostrarem que a força, a persistência e a coragem são características necessárias para alcançar o sucesso. Agradeço toda amizade e o apoio incondicional que tive durante o meu percurso no ISPA. Não foram 5 anos como era esperado, mas foram 7 anos cheios de muitas aprendizagens. Fui muito feliz, naquela que irei considerar para sempre, a minha segunda casa.

Resumo

A investigação sugere uma associação entre práticas parentais e comportamentos de risco em crianças e adolescentes. Não obstante a existência de inúmeros estudos relativos às práticas parentais, escasseiam dados empíricos que relacionem o tipo de práticas educativas parentais com os comportamentos de risco.

Neste sentido, o objectivo desta investigação é o de estudar a associação entre as práticas educativas parentais e os comportamentos de risco na adolescência. Para além disso, pretendemos avaliar a percepção dos pais face às suas próprias práticas educativas e comparar com a percepção que os filhos têm das práticas educativas parentais.

Participaram neste estudo 187 participantes: 92 alunos do 10º ano ao 12º ano de escolaridade e 95 encarregados de educação dos respectivos alunos. De modo a verificarmos o objetivo da presente investigação, aplicámos três questionários: 1) Dados sociodemográficos; 2) Estilos de Socialização Parental na Adolescência (ESPA-29) e; 3) *Health Behavior Schooled Children* (HBSC).

Com base nos dados recolhidos, concluímos que não existe associação entre as práticas educativas parentais e os comportamentos de risco. No entanto, concluímos que existe convergência entre a percepção que os filhos têm das práticas educativas parentais e a percepção que os pais têm das suas próprias práticas educativas.

Palavras-chave: Práticas Educativas Parentais, Estilos de Socialização Parental, Comportamentos de Risco

Abstract

Research suggests an association between parental practices and risk behavior in children and adolescence. Although there are many studies on parental educational practices, there is a lack of empirical data that relates the type of parental educational practices to risk behaviors.

Following this, the goal of this investigation is to study the association between parental educational practices and risk behaviors in adolescence. In addition, we intend to evaluate the parents' perception of their own parental educational practices and compare them with their children's perception of parental educational practices.

The study consisted of 187 participants: 92 students (10th grade to 12th grade) and 95 caregivers of these students. To come to the goal of this investigation, we applied a sociodemographic questionnaire, the Parenting Styles in Adolescence questionnaire (ESPA-29) and the *Health Behavior Schooled Children* (HBSC) questionnaire.

Through this sample, we conclude that there is no association between parental educational practices and risk behaviors. However, we settle that there is a convergence between the children's perception of parental educational practices and the parents' perception of their own educational practices.

Keywords: Parental Educational Practices, Parental Socialization Styles, Risk Behavior

Índice

Introdução	1
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	3
A Família como primeiro contexto de socialização	3
Estilos e Práticas Educativas Parentais	5
Comportamentos de Risco	10
Conceito dos Comportamentos de Risco.....	10
Consumo de substâncias psicoactivas (tabaco, álcool e <i>cannabis</i>)	11
<i>Bullying</i> escolar	15
Relações Sexuais Desprotegidas	19
CAPÍTULO II- PROBLEMÁTICA E HIPÓTESES.....	23
CAPÍTULO III – MÉTODO	25
Tipo de Estudo	25
Participantes	25
Instrumentos	26
Procedimento.....	29
Tabela 1 - Associação das práticas educativas parentais aos estilos de socialização parental	30
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	32
Estatística Descritiva Geral	32
Tabela 2 - Estatística descritiva do questionário ESPA-29 alunos e encarregados de educação	32
Tabela 3 - Estatística descritiva do questionário <i>Health Behavior Schooled Children</i>	34
Correlações de Variáveis.....	35
Tabela 4 - Correlações entre o género e os comportamentos de risco	35
Tabela 5 - Correlações entre o ano de escolaridade e os comportamentos de risco.....	36
Tabela 6 - Correlações entre os vários comportamentos de risco	36
Associação entre os estilos parentais e os comportamentos de risco	37
Tabela 7 - Teste <i>T-Student</i> para a comparação entre os comportamentos de risco dos grupos.....	38
CAPÍTULO V- DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	39
Referências Bibliográficas	45
Anexos.....	50
Anexo A – Caraterização da amostra alunos.....	51
Anexo B- Caraterização da amostra encarregados de educação	52

Anexo C- Questionário Sociodemográfico dos alunos	54
Anexo D- Questionário Sociodemográfico dos encarregados de educação	55
Anexo E- Questionários ESPA-29 alunos.....	56
Anexo F- Questionário ESPA-29 adaptado aos encarregados de educação.....	61
Anexo G- Questionário HBSC.....	66
Anexo H- Consentimento informado para as escolas	68
Anexo I- Consentimento informado para os encarregados de educação.....	69
Anexo J- Tabelas de frequências Espa-29 para alunos	70
Anexo K- <i>T-Student</i> para amostras independentes.....	72

Introdução

Tem sido amplamente estudado a influência das práticas educativas parentais sobre o comportamento de crianças e adolescentes. Vários estudos referem a importância das relações precoces e das atitudes e comportamentos parentais, nomeadamente no que diz respeito aos padrões educativos dos pais (Cardoso & Veríssimo, 2013), bem como a relação entre as práticas negativas e problemas de comportamentos (Ceconello, Antoni & Koller, 2003; Cia, Pamplin & Del Prette, 2006; Pereira & Del Prette, 2006; Martinho, 2010; Sabbag & Bolsoni-Silva, 2010, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016).

As práticas educativas têm surgido, em diversos estudos, como determinantes no desenvolvimento e adaptação da criança e jovem (Cruz, 2005, cit. por Soares & Almeida, 2011) e variam consoante a cultura familiar, sendo através desta que as crianças percecionam o comportamento e conduta socialmente adequada (Musitu & García, 2004). A família é encarada como uma unidade social, cuja função é a socialização dos adolescentes por meio da educação, transmissão de valores e cultura, tendo uma forte influência no seu comportamento, dado que é com ela que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais (Dessen & Polonia, 2007).

Sabe-se que o desenvolvimento saudável de uma criança é assegurar o bem estar, promovendo a adaptação e conseqüentemente o desenvolvimento da criança. Contudo, o desenvolvimento saudável da criança, depende da qualidade de relações de afeto, que estimulem o seu desenvolvimento (Bradley, 2006, cit. por Cruz e Lima, 2012).

Diversos estudos sugerem que a relação entre pais e filhos pode representar um fator de risco ou de proteção no que diz respeito aos comportamentos de risco. Desta forma, existem dois aspetos que parecem ser consensuais, na literatura, relativamente à influência parental nestes comportamentos, designadamente, o controlo parental e comunicação entre os pais e os respectivos filhos. Assim, tem-se verificado que quanto maiores forem os níveis de controlo parental, menores serão as probabilidades de comportamentos de risco (DiClemente et al., 2001; Hueber & Howel, 2003; Kotchick, Shaffer, Forehand & Miller, 2001; Looze et al., 2012) e quanto maior a comunicação aberta e positiva, menor a probabilidade do adolescente adotar comportamentos de risco (Kotchick et al., 2001).

A amostra desta investigação incide no período da adolescência, pois é onde os jovens testam os limites e possibilidades face às figuras parentais e adultos em geral (Papalia, Olds & Feldman, 2001), podendo mesmo conduzir a graves prejuízos e incapacidades para a vida

futura (DiClemente et al., 2001). Desta forma, é nesta fase que os comportamentos de risco são mais frequentes (Steinberg, 2007, cit. por Alves & Aglio, 2015).

Neste sentido, a nossa investigação tem como objetivo estudar a associação entre as práticas educativas parentais e os comportamentos de risco na adolescência. Todavia, verificámos que os diversos estudos sobre esta temática não avaliam a percepção que os pais têm das práticas educativas. Deste modo, pretendemos analisar a percepção que os pais têm das próprias práticas educativas e comparar com a percepção que os adolescentes têm das práticas educativas parentais.

Consideramos pertinente a realização desta investigação, uma vez que nos dará a possibilidade de compreender melhor os aspectos relacionados com as práticas educativas parentais, bem como os comportamentos de risco. Assim, julgamos ser uma mais-valia para a nossa investigação averiguar a percepção que os pais têm das próprias práticas educativas e dessa forma, verificar se existe convergência com a percepção que os adolescentes têm das próprias práticas educativas parentais.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Família como primeiro contexto de socialização

As perspectivas atuais sobre o desenvolvimento referem que o ser humano e o seu meio ambiente são como parte integrante da mesma unidade, estabelecendo assim, uma interação contínua e única (Cruz & Lima, 2012).

De acordo com alguns autores, a família é o primeiro contexto de socialização, desempenhando um papel fulcral no comportamento e desenvolvimento das crianças (Baumrind, 1991; Parke & Buriel, 2006, cit. por Cardoso & Veríssimo, 2013). Desta forma, a família é caracterizada por Diogo (1998), como o núcleo principal no desenvolvimento moral, cognitivo e afectivo, que proporciona contextos educativos para a construção da própria identidade da criança. Ainda o mesmo autor, refere que a família surge como o primeiro e principal contexto de socialização, transmitindo à criança conteúdos, hábitos, normas e estruturas racionais. Perrenoud (1982, cit. por Diogo, 1998) afirma que a família deixa uma herança cultural, pois transporta uma grande variedade de práticas educativas e de esquemas culturais no decorrer do desenvolvimento.

Na cultura ocidental, as famílias são consideradas como o contexto básico e primordial de socialização, fundamental para a actualização do seu potencial biológico, constituindo um protótipo das relações sociais (Cruz & Lima 2012). Cruz e Lima (2012) mencionam que a família é considerada um sistema social, encontrando-se inserida num conjunto complexo de vários outros sistemas mais abrangentes, que vão influenciar o seu funcionamento.

A função da família é assegurar o bem estar, promovendo a adaptação e consequentemente o desenvolvimento da criança. Bradley (2006, cit. por Cruz & Lima, 2012) refere que é atribuída à família algumas das seguintes funções: manutenção e segurança; estimulação; apoio socio-emocional; estrutura; supervisão e integração social. Portanto, os pais são responsáveis por garantir que a criança ou jovem estão inseridos, em ambientes estimulantes do ponto de vista psicomotor, intelectual e social (Cruz & Lima 2012).

Contudo, o desenvolvimento saudável de uma criança depende da qualidade das relações de afeto, isto é, relações harmoniosas que estimulem o desenvolvimento de segurança em si próprias e face aos cuidadores (Cruz & Lima 2012). Bretherton (1985, cit. por Cruz e Lima, 2012) refere a teoria da vinculação, alertando para a importância das figuras parentais disponíveis e responsivas, com o objectivo do desenvolvimento de modelos internos

de vinculação seguros na criança, que propiciem competências de exploração do meio onde se integra.

Torna-se importante mencionar que a conduta dos pais em relação aos filhos está associada ao estabelecimento de regras, normas e limites, pois desde os primeiros anos do nascimento, o bebé começa a construir o seu referencial de atitudes através do olhar e do comportamento do adulto (Morgado, Dias & Paixão, 2013)

Para Piaget, o desenvolvimento humano é desafiado por acções que propõe a redução do desequilíbrio entre o organismo e o meio físico e social, motivando a construção de um novo equilíbrio, com novas formas de organização da actividade cognitiva. Portanto, o “desenvolvimento da criança – e, portanto, a sua socialização, que nele [desenvolvimento da criança] constitui um elemento essencial – [é visto] como um processo activo de adaptação descontínua a formas mentais e sociais cada vez mais complexas” (Dubar, 2002, p. 20, cit. por Morgado, Dias & Paixão, 2013).

Assim, a contribuição da família para o desenvolvimento pode revelar-se como um fator de risco, ou pode assumir um fator de proteção no desenvolvimento do ser humano adaptado ao seu meio ambiente (Bronfenbrenner & Ceci, 1994, cit. por Reis & Peixoto, 2013).

Estilos e Práticas Educativas Parentais

As práticas educativas e de socialização parental variam conforme a cultura e variam de família para família, sendo através dessas mesmas práticas que as crianças percebem qual o comportamento e conduta adequadas socialmente (Musitu & García, 2004).

Primeiramente, é necessário compreender a diferença dos seguintes conceitos: práticas educativas parentais e estilos parentais. As práticas educativas parentais podem ser descritas como estratégias ou técnicas que os pais utilizam para orientar os filhos relativamente aos seus comportamentos (Paiva & Ronzani, 2009; Weber, Brandenburg & Viezzer, 2006, cit. por Falcke, Rosa & Steigleder, 2012). Darling e Steinberg (1993, cit. por Soares & Almeida, 2011) consideram que as práticas parentais abrangem comportamentos definidos por conteúdos específicos e objetivos de socialização, ou seja, podem ser avaliadas em termos de conteúdos e frequência do comportamento e operacionalizadas a diferentes níveis, consoante a relação colocada em hipótese entre o objetivo de socialização e o resultado desenvolvimental. Assim, através de uma abordagem tipológica na análise das práticas parentais, são determinados diferentes estilos educativos, com base no padrão de comportamento dos pais predominante, na educação dos filhos (Teixeira, Oliveira & Wottrich, 2006, cit. por Falcke, Rosa & Steigleder, 2012).

Já os estilos parentais são definidos, como um conjunto de padrões de comportamentos dos pais com os filhos, que influencia a relação entre os mesmos, a interiorização de normas, a aquisição de competências e a adaptação social dos filhos, sendo considerado um fator fundamental de comunicação e conduta da família (Garcia & Garcia, 2009, 2010; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbuch, 1991; Martínez & Garcia, 2008; Musitu & García, 2005; Oliva & Parra, 2004; Steinberg, 2000, cit. por Luis, Lemos & Ochoa, 2015). Outros autores como, Darling e Steinberg (1993, cit. por Soares & Almeida, 2011) definem estilo parental como o contexto e clima emocional onde é desempenhado o papel de socializar e educar os filhos, de acordo com as suas próprias crenças e valores. A autora Baumrind (1966, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016) define estilos parentais como um conjunto de ações parentais, nas quais os pais se comunicam com os filhos. Climent (2009, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016) acrescenta que o estilo parental se caracteriza pela sua permanência e estabilidade ao longo do tempo, embora possa haver variações. Segundo Ceballos e Rodrigo (1998, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016), as modificações ao nível do estilo parental devem-se ao facto de os pais escolherem o modelo educacional, dentro de um quadro amplo e flexível. Já Soares e Almeida (2011) destacam a abordagem tipológica,

indicando que se baseia no pressuposto de que os pais têm diferentes dimensões comportamentais de interação com os filhos, sendo que esses comportamentos permitem aferir o seu estilo educativo parental.

Os estudos pioneiros, que se destacam no sentido das relações entre pais e filhos, são os estudos de Baumrind (1966, 1967, 1971, cit. por Silva, Constantino & Rondini, 2012). A autora investigou como os diferentes padrões de controlo parental poderiam influenciar o desenvolvimento dos filhos e os respetivos pais, no pré-escolar. Assim, com este estudo classificou-se três estilos parentais: autoritário, autoritativo e permissivo (Baumrind, 1966, 1967, 1971, cit. por Silva, Constantino & Rondini, 2012).

No entanto, os autores Maccoby e Martin (1983, cit. por Silva, Constantino & Rondini, 2012), analisaram os estilos parentais relacionando as dimensões exigência e responsividade. A dimensão de exigência, refere-se ao controlo do comportamento e ao estabelecimento de metas e padrões de conduta, de modo a que os pais controlem o comportamento dos seus filhos, estabelecendo regras e limites (Silva, Constantino & Rondini, 2012). Já a dimensão de responsividade, refere-se à capacidade dos pais atenderem às necessidades e à singularidade dos filhos, ou seja, a sintonia e envolvimento entre pais e filhos (Teixeira et al., 2004, cit. por Silva, Constantino & Rondini, 2012). Assim, ampliaram o estilo permissivo, dividindo em dois novos estilos parentais: indulgente e negligente. Mencionando características da dimensão responsividade, Maccoby e Martin (1983, cit. por Silva, Constantino & Rondini, 2012) definem o estilo autoritativo com níveis altos de exigência e responsividade; o estilo autoritário com nível alto de exigência e baixo de responsividade; o estilo indulgente com nível alto de responsividade e baixo de exigência; e o estilo negligente com níveis baixos de exigência e responsividade.

Musitu e García (2001, 2004, cit. por Nunes, Luis, Lemos & Ochoa, 2015) foram os autores que desenvolveram um *modelo relacional* a partir das percepções dos adolescentes sobre o comportamento dos pais com duas grandes dimensões: a aceitação/implicação e a coerção/imposição. Na dimensão aceitação/implicação, são positivas as manifestações de afeto e carinho por parte dos pais em resposta aos comportamentos dos filhos, ajustados às normas de funcionamento familiar e são negativas as manifestações de indiferença.

Segundo este modelo, as práticas parentais associadas a esta dimensão são as seguintes: o afeto, a indiferença, o diálogo e a displicência. Assim, o afecto é descrito como o grau em que os pais manifestam carinho perante os filhos, quando este se comporta de acordo com as normas de funcionamento da família. A indiferença refere-se ao grau em que os pais mostram-se inexpressivos e insensíveis, não expressando reforço positivo perante um

comportamento ajustado às normas de funcionamento da família. O diálogo diz respeito, ao grau em que os pais estabelecem uma comunicação bidireccional, quando o comportamento do filho é desajustado às normas de funcionamento da família. Por fim, a displicência refere-se ao grau em que os pais reconhecem que os filhos tiveram um comportamento de acordo com as normas de funcionamento da família, mas não estabelecem comunicação, de forma consciente e deliberada com os mesmos.

Relativamente à dimensão coerção/imposição, esta caracteriza-se por uma dimensão de socialização parental que consiste em práticas educativas parentais, como a privação, coerção verbal e coerção física. Descreve-se privação como o grau em que os pais privam o filho de vivenciar uma experiência gratificante ou lhe retiram algum objecto de forma a corrigir comportamentos desajustados às normas de funcionamento da família. Já a coerção verbal refere-se ao grau em que os pais repreendem os filhos quando estes têm comportamentos desajustados às normas de funcionamento da família. Por fim, a coerção física caracteriza-se pelo grau em que os pais castigam fisicamente os filhos, quando estes têm comportamentos desajustados às normas de funcionamento da família (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004, cit. por Silva, Constantino & Rondini 2012).

Posto isto, Musitu e García (2001, 2004, cit. por Nunes, Luís, Lemos & Ochoa, 2015) afirmam que as dimensões aceitação/implicação e coerção/imposição são independentes e dessa combinação forma-se os seguintes estilos parentais: autoritativo, autoritário, negligente e indulgente. Contudo, é mencionado que tanto os estilos parentais, quanto as dimensões do comportamento parental, são fatores determinantes no desenvolvimento e adaptação do adolescente (Cerezo, Casanova, Torre & Carpio, 2011; Soenens, Vansteenkiste, Luyckx & Goossens, 2006; Cruz, 2005, cit. por Soares & Almeida 2011).

De acordo com Cardoso e Veríssimo (2013), o estilo autoritativo refere-se aos pais que aceitam e respeitam a individualidade dos filhos, promovendo e reforçando os comportamentos positivos dos filhos. Os pais deixam claro as normas e estabelecem limites. Promovem a comunicação, a autonomia, a individualidade, partilham com os filhos as razões das tomadas de decisão e reconhecem tanto os seus direitos, como os direitos das crianças. Pais autoritativos promovem um ambiente intelectualmente estimulante para os seus filhos, pois existe um equilíbrio entre os níveis de exigência e afetividade (Cardoso & Veríssimo, 2013). Musitu e Garcia (2001, 2004, cit. por Nunes et al., 2015) indicam que para este estilo verifica-se níveis altos de aceitação/implicação e coerção/imposição.

Assim, parece ser o estilo que promove o desenvolvimento psicológico das crianças e adolescentes, pois descreve o equilíbrio entre o afeto e controlo, aceitação e monitorização

(Steinberg & Dornbuch, 1994, cit. por Soares & Almeida, 2011). Este estilo caracteriza-se por altos níveis de apoio emocional, independência adequada e uma relação mútua entre pais e filhos (Abadi, Kimiaee & Amir, 2011). Para além disso, com base em estudos realizados, o estilo autoritativo tem um efeito positivo no decorrer do desenvolvimento da criança, pois a criança torna-se mais auto-suficiente, demonstra um comportamento mais adequado e tem um melhor relacionamento com os pares (Laali-Faz & Askari, 2008, cit. por Abadi, Kimiaee & Amir, 2011). Steinberg (2001, cit. por Silva, Constantino & Rondini, 2012) afirma que adolescentes que têm pais que se enquadram no tipo de estilo parental autoritativo, apresentam menores níveis de depressão e ansiedade, maior aproveitamento escolar, maior autoconfiança e auto estima e são menos propensos a comportamentos anti sociais, delinquência e drogas. Portanto, os pais precisam ser firmes, afirmando o seu papel de autoridade (isto é, no nível de exigência) e, em simultâneo, responsivos no respeito e compreensão dos direitos dos filhos (Silva, Constantino & Rondini, 2012). Ainda assim, é referido por Baumrind que este estilo aumenta a eficácia da parentalidade, pois altera as características das crianças e fortalece as capacidades dos pais como agentes de socialização (Darling & Steinberg, 1993, cit. por Cardoso & Verissimo, 2013).

Por outro lado, o estilo autoritário caracteriza-se por níveis baixos de aceitação/implicação e níveis altos de coerção/imposição (Musitu e García 2001, 2004, cit. por Nunes et al., 2015). Neste estilo é recorrente as penalizações, como os castigos físicos, ameaças e proibições, desvalorizando o diálogo e autonomia das mesmas. Assim, está muito presente a imposição dos pais sobre a conduta dos filhos e a obediência através do respeito à autoridade e à ordem, havendo pouco envolvimento afetivo, tornando-se evidente a monotorização (Moreira, 2008, cit. por Soares & Almeida, 2011). Existem estudos que demonstram que o estilo autoritário tem consequências comportamentais negativas, incluindo agressão, externalização e menor função emocional (Abadi, Kimiaee & Amir, 2011). Este estilo é um fator de risco para o consumo de substâncias (Martínez et al., 2013, cit. por Bosch, Tornaria e Massonnier 2016). De la Torre, García-Linares e Casanova (2014, cit. por Bosch, Tornaria e Massonnier 2016), referem que a perceção dos adolescentes de um estilo parental autoritário está associada a maiores manifestações de agressividade. Assim, torna-se frequente que quando estamos perante um controle muito rígido e severo por parte dos pais, os filhos acabam por se virar contra os pais (Segura & Mesa, 2011, cit. por Bosch, Tornaria e Massonnier 2016). Os autores referidos anteriormente, indicam que este comportamento incide principalmente no início da adolescência, pois é quando existe a busca pela liberdade e autonomia dos adolescentes, enquanto os seus pais continuam com o comportamento de

controle rigoroso sobre os filhos. De acordo com Dwairy & Menshar (2006, cit. por Abadi, Kimiaee & Amir, 2011), a saúde mental está associada à parentalidade autoritativa, mas não à parentalidade autoritária.

No entanto, o estilo negligente é caracterizado por pais que não supervisionam o comportamento dos filhos, não dando qualquer tipo de suporte e apoio às necessidades e interesses dos próprios (Reichert & Wagner, 2007, cit. por Soares & Almeida, 2011). Caracteriza-se pelo pouco controle parental que é exercido perante comportamentos inadequados, não recorrendo a penalizações, como por exemplo os castigos. Neste estilo, é normalmente a criança que regula as atividades familiares, pois os pais vão aceitando e tolerando os impulsos da criança (Moreira, 2008, cit. por Soares & Almeida, 2011). Portanto, os pais adoptam uma atitude tolerante e de aceitação face aos impulsos, desejos e acções da criança, evitando tomar posições de autoridade ou de impor controle e restrições aos seus filhos (Cardoso & Veríssimo, 2013). A falta de controle parental e a falta de respostas eficazes às necessidades das crianças, são características do estilo negligente, originando delinquência e agressão, por falta de supervisão e negligência por parte dos pais (Baumrind, 2009, cit. por Abadi, Kimiaee & Amir, 2011). Musitu e Garcia (2001, 2004, cit. por Nunes et al., 2015) referem que neste estilo, existe níveis baixos, tanto de aceitação/implicação como de coerção/imposição.

Adolescentes que têm pais com práticas parentais indulgentes demonstram ser pouco obedientes, têm dificuldade na interiorização de valores, têm baixa auto estima, falta de confiança, baixos níveis de controle dos seus impulsos, bem como o aumento do risco de uso de drogas e álcool (Torío, Peña & Inda, 2008). Contrariamente, temos outros estudos, onde alguns autores referem que o estilo parental indulgente funciona como fator de prevenção de consumo de substâncias, pois é o estilo parental que tem menor consumo das mesmas (Fuentes, Alarcón, García & Gracia, 2014; Martínez, Fuentes, García e Madrid 2013, cit. por Bosch, Tornaria e Massonnier, 2016). Os autores Crouter e Head (2002, cit. por Soares & Almeida, 2011) referem que baixo nível de monitorização tem uma correlação negativa com problemas de comportamento, isto é, baixa supervisão está relacionada a elevados comportamentos disruptivos, como o comportamento delinquente e abuso de substâncias. Este estilo caracteriza-se por elevados níveis de aceitação/implicação e baixo de coerção/imposição (Musitu & Garcia 2001, 2004; Nunes et al., 2015).

Em suma, o estilo parental que é adotado pelos pais é determinante para o desenvolvimento e formação da criança, podendo determinar as suas características no futuro.

Comportamentos de Risco

Conceito dos Comportamentos de Risco

Os comportamentos de risco são definidos por Brener, Kann, Shanklin, Kinchen, Eaton, Hawkins e Flint (2013, cit. por Alves & Dell’Aglío, 2015) como comportamentos que são considerados como potenciais ameaças à saúde do indivíduo, reduzindo a sua qualidade de vida, colocando-o numa posição de risco. Por outras palavras, o conceito de comportamento de risco refere-se à participação em atividades que possam comprometer a saúde física e mental do indivíduo (Feijó & Oliveira, 2001, cit. por Chinazzo, Câmara & Frantz, 2014).

A adolescência é percebida como uma etapa onde ocorrem alterações físicas e sociais, a procura de autonomia por parte do adolescente, mas também um maior contacto com novas experiências, sendo a fase do desenvolvimento humano que é considerada como um período de maior vulnerabilidade ao risco (Alves & Dell’Aglío, 2015).

Steinberg (2004, cit. Alves & Dell’Aglío, 2015) reforça a ideia que os comportamentos de risco são esperados na adolescência, pois há um aumento de novidades e procura de sensações, e um imaturo sistema de auto regulação, que tem como objectivo modular a procura por recompensas e previsão das ações. Assim, como na adolescência a maturação do sistema de controlo cognitivo é mais lenta, pode levar a que muitos adolescentes ajam impulsivamente, sem reflectir sobre as consequências do seus próprios actos (Steinberg, 2007, cit. Alves & Dell’Aglío, 2015). No entanto, é importante evidenciar que alguns autores referem que os comportamentos de risco também ocorrem noutras etapas do ciclo vital, atribuindo o envolvimento destes comportamentos às influências sociais e contextuais (Males, 2010; Willoughby, Good, Adachi, Hamza & Tavernier, 2013). Portanto, o contexto social é um fator determinante na adoção de comportamentos de risco, pois regula a tomada decisão face a esses comportamentos (Albert & Steinberg, 2011; Steinberg, 2004, cit. por Alves & Dell’Aglío, 2015). Paiva e Rozani (2009) mencionam que os comportamentos de risco, nomeadamente o consumo de substâncias psicoactivas, são aprendidos, predominantemente, a partir das interações estabelecidas entre o adolescente e as suas primárias fontes de socialização, isto é, a família e o grupo de pares.

Na presente investigação, os comportamentos de risco que iremos abordar são os seguintes: Consumo de substâncias psicoactivas (tabaco, álcool e *cannabis*); relações sexuais desprotegidas; e o *bullying* escolar.

Consumo de substâncias psicoactivas (tabaco, álcool e *cannabis*)

Estudos epidemiológicos apontam que o início do consumo de álcool, tabaco e outras drogas ocorre predominantemente durante a adolescência (Laranjeira, Pinsky, Zaleski & Caetano, 2007; Carlini, Galduróz, Noto & Nappo, 2005, cit. por Paiva e Rozani, 2009).

Na adolescência, os adolescentes vão à descoberta de novas experiências, sendo um período de transição, onde os mesmos defrontam o desafio de adotarem comportamentos saudáveis. Estes comportamentos saudáveis adquiridos no decorrer da adolescência, tendem a permanecer na idade adulta, assim como, os comportamentos de risco para a saúde, nesta fase, tende também, a permanecer na idade adulta, causando um enorme impacto na saúde (Ferreira & Torgal, 2010).

O tabaco é uma das primeiras drogas consumidas pelos adolescentes, aumentado significativamente em adolescentes que têm outros comportamentos de risco, como o consumo de drogas ilícitas e álcool. Para além disso, um dos factores de risco para este comportamento, é o facto dos pais, irmãos, amigos também fumarem, ou seja, apresenta assim uma associação positiva com o tabagismo do adolescente (Ferreira & Torgal, 2010)

O consumo do álcool surge num contexto social, sendo o acesso às bebidas alcoólicas muito facilitado (Marques, Viveiro & Passadouro, 2013). Para além disso, o consumo do álcool é associado a comportamentos de risco, sendo a droga psicoactiva mais consumida a nível mundial e trazendo sérias consequências para a saúde (Marques, Viveiro & Passadouro, 2013). O consumo entre os adolescentes tem influência no seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial e contribui para perturbações psiquiátricas e comprometimentos a nível da saúde mental (Borges et al., 1993, cit. por Boné & Bonito 2011).

Segundo dados da Comunidade Europeia, referidos por Marques, Viveiro e Passadouro (2013), uma das consequências do consumo excessivo do álcool é a morte prematura em adultos jovens, cerca de 7,4%. Na cultura ocidental, na última década tem-se registado algumas alterações a nível do consumo, nomeadamente: 1 - Tendência para iniciar o consumo de álcool mais cedo, na fase da adolescência, pois mais de 60% dos jovens, assumem que consomem bebidas alcoólicas regularmente, com idades compreendidas em os 12 e 16 anos; 2 - Mudança no padrão de consumo, para um consumo excessivo, combinado diversas vezes com outras substâncias psicoactivas; 3 - Mudanças no perfil de consumo entre o género masculino e feminino, onde se verifica uma tendência para o aumento de consumo de álcool no género feminino (Marques, Viveiro & Passadouro, 2013).

O marketing que é desenvolvido, muitas vezes à volta de novos produtos alcoólicos, com sabores diversificados e imagens bastante apelativas, pode ter contribuído para o agravamento do consumo de álcool. Um dos maiores problemas no consumo do álcool, é o facto de esta substância ser legal, consumida no quotidiano, sendo que os jovens indicam que o seu consumo é também um ritual de integração (Marques, Viveiro & Passadouro, 2013). Para além disso, outro dos grandes factores apontados pela literatura, para um maior consumo de tabaco e álcool, por parte dos adolescentes é o facto de estas substâncias serem de fácil acesso e compra (Sousa, 2017).

Num estudo realizado em Leiria, por Marques, Viveiro e Passadouro (2013), a adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos, verificou-se uma elevada taxa de consumo de álcool, onde aproximadamente 90% dos adolescentes assumem ter consumido álcool. Nesse mesmo estudo, verifica-se diferenças tanto na idade como nos dois géneros. Assim, o género masculino registou um consumo de álcool precoce e aumentando consoante a idade. Contudo, no género feminino foi registado um maior consumo de álcool. Os resultados obtidos neste estudos foram assim semelhantes aos aferidos noutros estudos portugueses e internacionais, onde se verificou um número crescente de adolescentes do sexo feminino a consumir álcool. Verificou-se ainda que os adolescentes consomem álcool maioritariamente ao fim de semana e que usam o consumo de álcool como facilitador das relações sociais. Para além disso, verificou-se o padrão de consumo *binge drinking* (consumo de várias bebidas alcoólicas num determinado momento, um padrão de cinco ou mais bebidas alcoólicas para o género masculino, e quatro ou mais para o género feminino), que é considerado a característica mais perigosa no consumo de álcool em adolescentes, pois ingere-se uma grande quantidade de álcool, com o objectivo de ficar embriagado (Marques, Viveiro & Passadouro, 2013).

O *cannabis* é outra substância psicoactiva ilícita consumida frequentemente pelos adolescentes, que quando consumida em doses elevadas, num contexto particular, e em indivíduos predispostos, pode conduzir a manifestações alucinogénicas (Richard et al., 1995, cit. por Silva & Deus, 2005).

Silva e Deus (2005) referem que os adolescentes correm maior risco ao consumir *cannabis*, pois estão em fase de formação física e psíquica, e o seu uso pode desviar o seu desenvolvimento normal. Contudo, existe uma tendência natural, própria da idade, de manifestarem dificuldades de adaptação ao mundo repleto de mudanças, sendo que o consumo de *cannabis* pode exacerbar tais dificuldades. Assim, Fréjaville e Choquet (1977, cit. por Silva & Deus, 2005) alertam, que se um adolescente habitualmente soluciona os seus

problemas recorrendo ao consumo de drogas, tem maior probabilidade de recorrer ao consumo de drogas novamente, sempre que se depara com um problema.

Paralelamente, temos um estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde (OMS), sendo este o HBSC/OMS (Health Behaviour in School-aged Children), que tem o objectivo de estudar os estilos de vida dos adolescentes e conseqüentemente, os seus comportamentos nos vários cenários das suas vidas. O mais recente realizado em Portugal foi em 2014, sendo, o instrumento utilizado o questionário HBSC, o mesmo utilizado na presente investigação. Foi aplicado a alunos do 6º ano de escolaridade, 8º ano de escolaridade e 10º de escolaridade, com idades compreendidas entre os 10 anos e os 20 anos de idade. Com este estudo, verificou-se que a grande maioria dos adolescentes refere que nunca experimentou tabaco, álcool ou drogas ilegais e refere ainda nunca ter ficado alcoolizado. Contudo, adolescentes que assumem ter consumido álcool, a maioria indica ser a cerveja como a bebida alcoólica mais frequentemente ingerida. No que diz respeito ao tipo de drogas experimentadas, a substância que os adolescentes referem ter experimentado é o *cannabis*. Encontra-se diferenças ao nível do género, onde o género masculino e os adolescentes mais velhos (10º ano), assumem ter experimentado mais frequentemente drogas, sendo o mais recorrente a cerveja e o *cannabis*. Em contrapartida, o género feminino e os adolescentes mais velhos (10º ano) assumem ter experimentado tabaco mais frequentemente (Matos, Simões, Gaspar, Camacho, Reis & Tomé, 2014).

A grande problemática é que para além de se verificar um grande consumo de álcool entre os adolescentes, os mesmos estão mal informados sobre as conseqüências deste comportamento. No entanto é preciso ter noção que o consumo de bebidas alcoólicas varia consoante a cultura, o género, a faixa etária, as normas sociais e o grupo social (Marques, Viveiro & Passadouro, 2013). É mencionado por Ferreira e Torgal (2010), que os adolescentes normalmente, iniciam as experiências com drogas consideradas lícitas, como é o caso do álcool e do tabaco, em ambientes familiares, nomeadamente com o grupo de pares.

Assim, Antunes (1998, cit. por Boné & Bonito, 2011) defende que um adolescente que ingere bebidas alcoólicas tem maior probabilidade de desenvolver comportamentos desviantes, pois interfere com as fases normais do seu desenvolvimento. Boné e Bonito (2011) mencionam que os adolescentes encontram no consumo de álcool o refúgio para problemas de integração em grupos de pertença, ou de natureza familiar, escolar ou de emprego.

De acordo, com o relatório final, *IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População em Geral- Portugal 2016/2017*, o álcool é a substância psicoativa

mais consumida em Portugal, pois aproximadamente 82,6% da população jovem/adulta, com idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos tiveram pelo menos uma experiência de consumo na vida. O tabaco, revelou-se a segunda substância psicoativa mais consumida, que regista prevalências na população jovem/adulta de 52,4%. No que diz respeito, ao consumo de medicamentos (sedativos, tranquilizantes e/ou hipnóticos) verificou-se uma descida nas prevalências do consumo ao longo da vida entre 2001 (13,3%) e 2007 (12,0%), estabilização entre 2007 e 2012 (12,01%), e nova descida entre 2012 e 2016/17 (6,3%). Relativamente ao consumo experimental (pelo menos uma experiência de consumo ao longo da vida) de substâncias psicoativas ilícitas diz respeito, a *cannabis* (14,9%), sendo a substância que apresenta maiores prevalências na idade jovem/adulta. Por fim, todas as outras substâncias psicoativas ilícitas consideradas nesse mesmo estudo (exemplo: cocaína, ecstasy, heroína, LSD, etc.), apresentam predomínios de consumo ao longo da vida inferiores a 1,1% (Balsa, Vital & Urbano, 2017).

Bahr, Hofmann e Yang (2005, cit. por Paiva & Rozani, 2009) mencionam alguns factores que propiciam a adopção do consumo de substâncias psicoactivas, nomeadamente, a falta de suporte parental, o consumo de droga pelos progenitores e atitudes parentais permissivas perante o consumo dos filhos.

Bullying escolar

A violência em contexto escolar tem sido um tema de grande relevância, com implicações globais a nível escolar, familiar e para a sociedade. Podemos dizer que a violência consiste no uso da agressão, do poder físico e psicológico, ou mesmo, da ameaça contra outro indivíduo, grupo ou comunidade. Assim, o objectivo da violência é agredir outro indivíduo, física ou psicologicamente, através da manipulação, domínio e poder (Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009).

A agressividade é algo que é intrínseco ao ser humano, sendo considerado normal que uma criança ou adolescente apresentem impulsos agressivos adaptativos, que se manifestam desde o seu nascimento, com tendência para diminuir ao longo do desenvolvimento, consoante a adaptação às normas familiares, escolares e sociais. Contudo, a agressão pode assumir um carácter hostil, em que o objectivo do comportamento é a agressão intencional a outro indivíduo (Matos et al., 2009).

Sabemos que a violência tem graves consequências, nomeadamente, o mal-estar, lesões, morte, danos psicológicos ou exclusão e isolamento social. Deste modo, a violência escolar pode causar sérios danos no desenvolvimento psicoafectivo e social das crianças e adolescentes, sendo a violência considerada como um comportamento de risco para um desenvolvimento saudável (Matos et al., 2009). No contexto escolar são detectados vários tipos de violência, incluindo o *bullying*, assédio sexual e utilização de armas. Assim, a escola assume um papel determinante no processo de socialização e aprendizagem dos adolescentes, pois é responsável pela transmissão de normas e padrões comportamentais (Matos et al., 2009).

Iremos focar-nos no conceito do *bullying*, que é um tipo de agressão na escola que ocorre entre pares, pois é o mais relevante para o presente estudo. Dan Olweus foi o primeiro investigador que utilizou o conceito de *bullying*, descrevendo-o como uma provocação negativa que um aluno é sujeito repetidamente ao longo do tempo, por um ou mais alunos (Olweus, 1991, cit. por Matos et al., 2009). Por outras palavras, o *bullying* é considerado uma forma de violência entre pares, que se distingue da agressão ocasional, tanto pela permanência no tempo, como pela desigualdade de poder entre o agressor e a vítima (Freire, Simão e Ferreira, 2006, cit. por Simões, Ferreira, Braga & Vicente, 2015). Os comportamentos incluídos na categoria do *bullying* são diversos, uma vez que abrangem comportamentos associados a acções físicas, verbais, psicológicas e sexuais. Alguns exemplos desses comportamentos que são considerados *bullying* são os seguintes: 1 - chamar nomes (insultos);

2 - bater (agressão física); 3 - ser excluído de actividades por outros colegas; 4 - intimidação ou ameaça, 5 - mentira e/ou boatos; 6- gozo ou torça; 7- roubo, extorsão ou dano de objectos; 8- abuso ou assédio sexual; 9 - discriminação, por exemplo, pela cor de pele e religião, etc. (exclusão social); 10 - utilização de armas (Matos et al., 2009).

O objectivo deste tipo de comportamento é provocar mal-estar e sofrimento no outro individuo, verificando-se um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas, onde o agressor tem maior poder sobre a vítima que não se consegue defender. Olweus (1994, cit. por Matos et al., 2009) refere três critérios, que distinguem o *bullying* de outros comportamentos violentos: 1 - intencionalidade do comportamento; 2 - comportamento repetido ao longo do tempo; 3 - desequilíbrio de poder entre o provocador e a vítima (Matos et al., 2009).

No entanto, a literatura refere que existem diferenças entre géneros, na forma de expressar os comportamentos violentos. Assim, os rapazes tendem a demonstrar um comportamento violento mais aberto e anti-social e por sua vez as raparigas tendem a demonstrar um comportamento violento através de uma agressão indirecta, isto é, pela manipulação social. Contudo, a maioria dos agressores e das vítimas são indivíduos do género masculino (Matos et al., 2009).

No que diz respeito ao perfil dos agressores, normalmente, são caracterizados como mais fortes e com idade superior à média do grupo, apresentando também um baixo rendimento escolar, mas também dificuldades de auto controlo e grande envolvimento em conflitos. Para além disso, são considerados indivíduos, com uma auto-estima mais elevada e uma rede de relações interpessoais mais alargada do que as vítimas. Relativamente ao perfil dos agressores, sabe-se que normalmente os alunos mais novos são mais frequentemente vítimas e com o avançar da idade a frequência do *bullying* tende a diminuir. A literatura referencia dois tipos de perfis de vítimas da agressão pelos pares, as vítimas passivas e as vítimas agressivas (Matos et al., 2009). O tipo de perfil mais comum, são as vítimas passivas, que se caracterizam por serem inibidas e submissas (Olweus, 1978, 1993, cit. por Marques et al., 2009). Normalmente, estes indivíduos são considerados alvos fáceis, pois apresentam reacções emocionais muito negativas em resposta aos comportamentos agressivos, reforçando os comportamentos do agressor, o que por sua vez, aumenta a probabilidade deste comportamento agressivo ocorrer novamente. Em contrapartida, os indivíduos com o perfil de vítima agressiva, evidenciam fracas competências de controlo dos impulsos, pois tendem a envolverem-se frequentemente em comportamentos violentos (Matos et al., 2009). Contudo, Olweus (1991, cit. por Marques et al., 2009) refere que comum a estes dois perfis, existe claramente défices em competências sociais, resultando em sentimentos de solidão.

A família tem um papel determinante no desenvolvimento de comportamentos de risco, podendo assumir um papel de protecção ou de risco. Um dos factores de protecção para o envolvimento em comportamentos violentos, é a relação próxima e afectiva com a família, que por sua vez, reduz a vulnerabilidade da criança e adolescente a comportamentos violentos ou de vitimização. Por outro lado, um dos factores de risco de envolvimento em comportamentos violentos, é o fraco envolvimento familiar, criminalidade parental, fraca supervisão parental e separação dos pais. Para além disso, são apontados outros factores de risco, relativamente ao historial de agressão precoce e consumo de substâncias antes dos 12 anos de idade (Matos et al., 2009).

No âmbito do desenvolvimento físico, mental e social das crianças e adolescentes, a violência demonstra ter efeitos negativos. Assim, Matos et. al (2009) referem que tanto as vítimas, como os agressores, podem desenvolver perturbações psicológicas (depressão, traumas, stress, dificuldades de relações de proximidade), mas também apresentam maior tendência para a adopção de outros comportamentos de risco (consumo de substâncias psicoactivas, fraco envolvimento escolar e familiar, absentismo ou abandono escolar e comportamentos sexuais de risco).

De acordo com alguns autores, o *bullying* que ocorre no contexto escolar tem a sua origem no seio familiar e durante a infância, sendo que a parentalidade e todos os seus aspetos têm vindo a ser analisados como possíveis correlações do *bullying* (Georgiou & Stavrinides, 2013, cit. por Cunha, 2014). Cunha (2014) menciona que as práticas parentais não têm influência direta nos comportamentos de *bullying*, mas podem ser potenciadoras de determinados comportamentos agressivos dos seus filhos.

Reconhece-se que os estilos parentais exercem influência no processo de desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes. Geralmente, os alunos mais propensos a se envolverem em situações de *bullying* tendem a ter relações desfavoráveis com os seus pais, e conseqüentemente, menos sentimentos de envolvimento e empatia familiar (Barboza et al., 2009; Barker et al., 2008; Chaux et al., 2009; Kouwenberg, Rieffe, Theunissen, & Rooij, 2012; Lee, 2011; Moon, Morash, & McCluskey, 2012; Yamagata et al., 2013, cit. por Oliveira, Silva, Yoshinaga & Silva, 2015). Assim, alunos com padrões seguros de vinculação no ambiente familiar têm maior probabilidade de serem socialmente mais competentes e de contribuírem para a construção de uma sociedade menos violenta.

De acordo com os autores Fosco, Stormshak, Dishion e Winter (2012, cit. por Cunha, 2014), logo na infância verifica-se alguns comportamentos de risco, que decorrem da falta de supervisão parental tais como, desobediência, violação de regras, violência, mentiras e

roubos, culminando numa crescente preocupação na fase da adolescência e idade adulta, nomeadamente, como uso de substâncias psicoactivas, delinquência e conduta criminal.

Contudo, na literatura, o uso de castigos físicos ou medidas disciplinares severas, relações parentais duras e que recorrem à punição são considerados como ineficazes e são fortemente associadas ao envolvimento em situações de *bullying* (Barboza et al., 2009; Knous-Westfall et al., 2012; Lepisto, Luukkaala, & Paavilainen, 2011, cit. por Oliveira et al., 2015).

Assim, uma relação familiar positiva, isto é uma relação próxima, baseando-se nos princípios da aceitação e apoio, diminui o risco de desencadear comportamentos problemáticos, nomeadamente o *bullying* (Ackard et. al, 2006; Flouri & Buchanan, 2003; Markham et. al, 2003, cit. por Cunha, 2014).

O estudo de Unnever e Cornell (2004, cit. por Cunha, 2014) afirma que as práticas parentais têm influencia sobre estes comportamentos, ou seja, práticas parentais que sejam demasiado intrusivas para a criança baseadas na superproteção, nas práticas coercivas e/ou de controlo psicológico que aumentam a vulnerabilidade de uma criança face ao *bullying*. No entanto, o mesmos autores referem que as crianças que vivem num ambiente familiar agressivo tendem a reagir de forma mais agressiva e a apresentar comportamentos mais violentos com os seus pares, bem como comportamentos antissociais, como por exemplo agressões, violação de regras, entre outros.

Para Georgiou e Stavrinides (2013, cit. por Cunha, 2014), podemos encontrar uma correlação entre práticas parentais agressivas e comportamentos de *bullying*, ou seja, pais mais atentos aos seus filhos diminuem em grande número a probabilidade de estes adolescentes se tornarem agressivos, ao contrário dos pais autoritários, que recorrem a métodos agressivos e hostis para lidar com os seus filhos tendem a desencadear nestes comportamentos mais violentos. Assim, aspectos fundamentais para a redução de comportamentos de risco são pais que dispensam maior atenção aos seus filhos, supervisionando-os e esperando que os seus filhos sejam bem sucedidos (Georgiou & Stavrinides, 2013, cit. por Cunha, 2014).

De acordo com Van Hoof et al. (2008, cit. por Nunes, 2013), quanto maior afecto a família demonstrar, menor é a probabilidade dos adolescentes serem vítimas de *bullying*. Assim, considera-se que uma família que dê um suporte adequado, é a que encoraja o adolescente a expressar as suas ideias e pensamentos, dando-lhe atenção e escutando-o. Estes autores destacam, a coesão na família e o afecto como factores de protecção no desenvolvimento do comportamento de *bullying*.

Relações Sexuais Desprotegidas

A experiência da primeira relação sexual é um marco importante na vida do adolescente, tendo estes comportamentos um grande impacto na saúde dos mesmos (Tronco & Dell’Aglío, 2012). Na adolescência, as relações sexuais desprotegidas são consideradas como um comportamento de risco (Camargo & Botelho, 2007; Campo-Arias, Ceballo, & Herazo, 2010, cit. por Chinazzo, Câmara & Frantz, 2014). Neste sentido, tal temática tem de ser compreendida como parte de um processo progressivo, que possibilita os adolescentes de adquirirem níveis de intimidade cada vez maiores. Steinberg (1999, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012), indica que quanto mais lenta for a progressão desses estágios, mais preparados os adolescentes estarão para o início da vida sexual.

O comportamento sexual é considerado arriscado quando os adolescentes não utilizam o preservativo durante o acto sexual, uma vez que se trata de um método de contraceção seguro, de modo a evitar gravidez indesejada e/ou proteger-se do contágio de doenças sexualmente transmissíveis (Cruzeiro, Silva, Pinheiro, Rocha & Horta, 2010).

Existem estudos que demonstram que, quanto mais cedo ocorrer a primeira relação sexual, menor é a probabilidade dos jovens utilizarem algum método contraceptivo (Almeida, Aquino, Gaffikin, & Magnani, 2003; Leite, Rodrigues, & Fonseca, 2004, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012). Contudo, outros estudos realizados a adolescentes, demonstram que a maioria dos jovens sexualmente ativos, apenas pontualmente, têm relações sexuais protegidas, utilizando o preservativo (Cruzeiro et al., 2010; Ferreira & Torgal, 2011, cit. por Chinazzo, Câmara & Frantz, 2014).

No que diz respeito às consequências da não utilização do preservativo durante o ato sexual, as autoras Tronco e Dell’Aglío (2012) destacam a gravidez e o contágio de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), nomeadamente, o HIV (AIDS). Relativamente à gravidez na adolescência, são encontradas divergências na literatura. Para alguns investigadores, a gravidez é considerada um fator de protecção para o género feminino, pois percebem este comportamento como uma forma de valorização no seu contexto social (Pantoja, 2003, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012). No entanto, outros investigadores consideram a gravidez como um fator de risco, pois poderá ter repercussões negativas para a saúde mental, o desenvolvimento escolar e a ascensão social dos adolescentes (Chalem et al., 2007, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012). No que diz respeito ao HIV (AIDS), tem-se verificado alguns casos durante a adolescência. Contudo, como um portador de HIV poderá viver em média 10 anos até que a doença apresente sintomas, verifica-se casos em que os

adolescentes atravessam a fase adolescência desconhecendo que estão contaminados, descobrindo apenas no início da idade adulta (Santos & Santos, 1999, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012).

De modo a reduzir os riscos de uma vida sexualmente activa, a utilização do preservativo, mostra ser o comportamento mais adequado, visto ser o contraceptivo mais eficaz (Alves & Lopes, 2008, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012). Ainda assim, alguns estudos alertam para o facto de que ter um bom conhecimento dos métodos contraceptivos não garante o uso dos mesmos, pelos adolescentes (Alves & Lopes, 2008; Brandão & Heilborn, 2006, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012). Vilhena e Paula (2004, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012) sugerem que para incentivar a utilização frequente do preservativo seria conveniente associar a sua utilização, ao prazer da relação sexual, que resulta na segurança e tranquilidade que ele proporciona, poupando assim, os adolescentes da preocupação com uma possível gravidez indesejada ou doenças sexualmente transmissíveis.

No entanto, Martins et al. (2006, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012) indicam que entre alguns dos motivos que explicam a não utilização de métodos contraceptivos por parte dos adolescentes são o não planeamento das relações sexuais e o facto do parceiro não querer utilizar este método contraceptivo. Outro estudo longitudinal realizado por Broadus, Schmiede e Bryan (2011, cit. por Chinazzo, Câmara & Frantz, 2014) demonstrou que quanto maior for a experiência sexual do adolescente, maior a tendência para a redução da utilização do preservativo, independentemente do género. Este comportamento pode estar associado ao facto do adolescente não se perceber como vulnerável para adquirir uma doença sexualmente transmissível e conseqüentemente pode ser um fator reforçador para a intenção de repetição do comportamento (Orlandi & Toneli, 2008, cit. por Chinazzo, Câmara & Frantz, 2014). Outro fator relevante que é mencionado em diversos estudos, é o fato de as relações sexuais desprotegidas serem com parceiros estáveis (Camargo & Botelho, 2007, cit. por Chinazzo, Câmara & Frantz, 2014).

Alguns autores afirmam que, é na fase final da adolescência, que os adolescentes se interessam mais em aspectos das relações românticas e sexuais (Regan, Durvasula, Howell, Ureño, & Rea, 2004, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012). Isto acontece, porque o grupo de amigos tende a aumentar e o adolescente passa a pertencer e a se envolver em grupos mistos (incluindo elementos do género masculino e feminino). Assim, uma maior convivência com o sexo oposto aumenta a probabilidade dos adolescentes se envolverem nas primeiras relações amorosas (Connolly, Craig, Goldberg, & Pepler, 2004; Connolly, Furman, & Konarski, 2000; Feiring, 1999, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012).

Estudos demonstram que existem diferenças entre gêneros masculino e feminino, relativamente à forma como é abordada a sexualidade. Gubert e Madureira (2009, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012), mencionam que o gênero masculino é estimulado a ser mais forte, a reforçar a sua masculinidade e a iniciar as suas relações sexuais mais cedo. Já, para o gênero feminino, verificou-se que o estímulo passa por iniciar a sua primeira relação sexual o mais tarde possível. Borges e Nakamura (2009, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012), realizaram um estudo qualitativo, onde constataram que o gênero feminino sente-se pressionado pelo seu parceiro para iniciar a sua vida sexual. Já, no gênero masculino, verificou-se que a virgindade e a rejeição de uma oportunidade de relação sexual são percebidos como fraquezas pelos seus pares.

Outro estudo desenvolvido por Shtarkshall, Carmel, Jaffe-Hirschfield e Woloski-Wruble (2009, cit. por Tronco & Dell’Aglío, 2012), indica que o maior preditor para a iniciação da vida sexual é a percepção dos adolescentes, de que os seus pares já tenham tido experiências sexuais. No entanto, vários estudos têm mostrado que quanto mais cedo ocorrer a iniciação sexual, maior será a probabilidade de ocorrer problemas na saúde durante e após a adolescência, mas também quanto mais cedo for o início da vida sexual, maior será o número de parceiros sexuais (Bassols, Boni & Pechansk 2010; Baumann, Belange, Akre & Suris, 2011; Mardh, Creatsas, Guaschino, Hellberg & Henry-Suchet, 2000, cit. por Gonçalves, Machado, Soares, Figuera, Seering, Mesenburg, Guttier, Barcelos, Buffarini, Assunção, Hallal & Menezes, 2015). Todavia, a utilização de preservativos na última relação sexual, em adolescentes com idade igual ou superior a 15 anos, verifica-se que tem aumentado nos últimos anos em diversos países (WHO, 2008, cit. por Gonçalves et al., 2015)

De modo a compreender os fatores relacionados ao comportamento sexual, vários investigadores analisaram que outros comportamentos de risco ou estilos de vida podem associar-se à idade do início da vida sexual. Assim, constatou-se que adolescentes com idade igual ou superior a 15 anos, consumidores de álcool, tabaco, drogas ilícitas e que se envolvem em situações de violência são também aqueles que iniciam mais cedo a sua vida sexual (O’Donnell, O’Donnell & Stueve, 2001; Liu, Kilmarx, Jenkins, Manopaiboon, Mock & Jeeyapunt, 2006; Madkour, Farhat, Halpern, Godeau & Gabhainn 2010, cit. por Gonçalves et al., 2015).

Os mitos e tabus reforçam o padrão sexual e a cultura de uma determinada população e podem contribuir para o desenvolvimento de problemas sexuais, tornando-se essencial desmistificar conceitos equivocados e orientar os adolescentes para que exerçam a sua sexualidade com segurança, tranquilidade e plenitude, contribuindo, assim, para uma prática

sexual saudável (Soares, Amaral, Silva & Silva, 2008, cit. por Martins, Almeida, Alencastro, Matos e Souza, 2012). A influência da cultura, a religião, a escola, assim como as questões políticas e económicas, têm influência na formação da sexualidade. Práticas parentais onde predomina uma educação autoritária e conseqüentemente a falta de diálogo, contribui para a existência de mitos e tabus, colocando o adolescente numa situação de risco (Cano & Ferriani, 2000, cit. por Martins et al., 2012).

No estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde (OMS), utilizando o instrumento HBSC/OMS (Health Behaviour in School-aged Children), realizado em Portugal no ano de 2014, verificou-se que no âmbito da sexualidade a grande maioria dos adolescentes refere que não teve relações sexuais e aqueles que mencionaram já ter tido relações sexuais, a grande maioria assume que teve a primeira relação sexual aos 14 anos ou mais tarde, sendo que também a grande maioria afirma ter usado preservativo na primeira e última relação sexual. Neste estudo verificou-se que alguns motivos apontados pelos jovens para a não utilização do preservativo são: não terem pensado nisso, não terem preservativo consigo, os preservativos serem muito caros e terem bebido álcool em excesso. Relativamente a estudos que foram realizados anteriormente, em 2014 verifica-se uma diminuição do uso de preservativo e um aumento das relações sexuais associadas ao consumo de álcool ou drogas (Matos, Simões, Gaspar, Camacho, Reis & Tomé, 2014).

Em suma, muitos dos comportamentos de risco podem iniciar-se apenas pela curiosidade e o desejo de exploração do jovem, bem como pela influência dos pares ou família. As mudanças na sociedade, a influência da comunicação social que frequentemente apela à agressividade, sexualidade e busca incessante de prazer, mas também a atitude cada vez mais permissiva da sociedade perante as situações, constituem fatores fundamentais que, juntamente com as transformações hormonais que ocorrem nos adolescentes, bem como a necessidade de testarem limites, busca pela independência e identidade, podem conduzir à adoção de atitudes e/ou comportamentos que comprometem gravemente uma transição saudável do adolescente para a vida adulta (Feijó & Oliveira, 2001). Torna-se necessário, detetar atempadamente os comportamentos de risco, de modo a evitar a sua consolidação, que conseqüentemente poderão ter sérias repercussões a nível pessoal, familiar e social (Feijó & Oliveira, 2001).

CAPÍTULO II- PROBLEMÁTICA E HIPÓTESES

A influência das práticas educativas parentais sobre o comportamento das crianças e adolescentes tem sido alvo de inúmeros estudos. Neste sentido, existem várias pesquisas que demonstram a associação entre práticas educativas parentais positivas e competências sociais em crianças e adolescentes, assim como entre práticas educativas parentais negativas e problemas de comportamento (Ceconello, Antoni & Koller, 2003; Cia, Pamplin & Del Prette, 2006; Pereira & Del Prette, 2006; Martinho, 2010; Sabbag & Bolsoni-Silva, 2010, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016).

No entanto, apesar de existirem várias investigações desta natureza, em Portugal esta temática ainda é pouco explorada, sendo importante aprofundar melhor as relações existentes entre diversas variáveis. Deste modo, o estudo tem como principal objectivo, estudar a associação entre as práticas educativas parentais e os comportamentos de risco na adolescência. Para além disso, os vários estudos efectuados não contemplam, a percepção que os pais têm das suas próprias práticas educativas parentais. Desta forma, é importante avaliar a percepção dos pais face às suas próprias práticas educativas e comparar com a percepção que os filhos têm das práticas educativas parentais, de modo a verificar se há ou não convergência. Neste sentido, formularam-se as seguintes questões de investigação:

Q1: Existe convergência entre a percepção que os alunos têm das práticas educativas parentais e a percepção que os pais têm das suas próprias práticas educativas?

Q2: O género masculino e feminino relaciona-se com os comportamentos de risco?

Q3: O ano de escolaridade está correlacionado com os comportamentos de risco?

Q4: Os comportamentos de risco estão relacionados entre si?

Igualmente, formulou-se a seguinte hipótese:

H1: Adolescentes que percebem os seus pais como tendo práticas educativas parentais associadas ao estilo de socialização parental autoritativo apresentam menores comportamentos de risco do que adolescentes que percebem os seus pais como tendo práticas educativas parentais associadas ao estilo de socialização parental autoritário.

O estilo de socialização autoritativo tem um impacto muito positivo no desenvolvimento dos jovens (Valdivia, 2010, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016), designadamente, um menor risco de consumo de tabaco em adolescentes (Cano, Solanas & Marí-Klose, 2012, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016), menor risco de abuso de

drogas em geral (Becoña, Martínez, Calafat, Hermida & Secades-Villa, 2012, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016) e menor prevalência de experiência sexual (Rebellón, Rivas, Estévez, Calatrava & Burgo, 2009, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016).

O estilo de socialização autoritário é considerado um fator de risco para o consumo de substâncias (Martínez et al., 2013, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016). Para reforçar este fator de risco, um estudo realizado por De la Torre, García-Linares e Casanova (2014, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016) indica que a percepção dos adolescentes do estilo de socialização parental autoritário está associada a maiores manifestações de agressividade. Neste sentido, outro estudo realizado por Patterson e Prinzie (1982, 2000, 2004, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016) conclui que as práticas educativas parentais com características coercivas e uma disciplina descuidada está relacionada com comportamentos de risco, nomeadamente, agressão, hiperatividade ou delinquência.

Para além disso, Baumrind (1971, cit. por Cardoso & Veríssimo, 2013) menciona que os pais que adotam este estilo parental tendem a ter filhos com maiores comportamentos de delinquência e externalização e menores níveis de responsabilidade social. Com base na literatura apresentada, espera-se neste estudo, que alunos que percecionem os seus pais como tendo práticas educativas parentais associadas aos estilo de socialização parental autoritário, apresentem maiores comportamentos de risco.

Em suma, os autores Dwairy e Menshar (2006, cit. por Abadi, Kimiaee & Amir, 2011) defendem que a saúde mental está associada ao estilo de socialização autoritativo, mas não ao estilo de socialização autoritário. Assim, pais que promovem maiores competências sociais nas crianças e estabelecem regras, diminuem a tendência de comportamentos de risco por parte dos filhos (Soares, 2007, cit. por Simões, Ferreira, Braga & Vicente, 2015). No entanto, pais que tenham práticas educativas parentais menos afectuosas, usando a prática da punição, aumentam a probabilidade de ter filhos com maiores comportamentos de risco (Ahmed & Braithwaite, 2004 cit. por Simões, Ferreira, Braga & Vicente 2015).

CAPÍTULO III – MÉTODO

Tipo de Estudo

Na presente investigação efectuou-se um estudo do tipo descritivo correlacional, pois o principal objectivo é compreender melhor a complexidade do fenómeno educativo, estudando as relações entre as variáveis e assim, verificar se existe, ou não, correlação entre as possíveis associações construídas nas hipóteses (Coutinho, 2008). Com esta metodologia não se pode verificar o impacto de uma variável sobre a outra variável, apenas se pode averiguar a existência de relação entre duas variáveis.

Participantes

No que se refere ao método de recolha da amostra, adoptámos a forma de uma amostra não probabilística, por conveniência. Assim, neste tipo de amostragem os elementos da amostra foram seleccionados por conveniência, pois torna-se de fácil acesso e visa a reunir características particulares do interesse do investigador (Anastasi & Urbina, 2010). Contudo, Maroco e Bispo (2005) referem que os participantes neste tipo de amostragem não são representantes da população em geral, uma vez que a probabilidade de cada elemento da população pertencer à amostra não é igual para todos os elementos.

A escola onde foram aplicados os instrumentos é uma escola do concelho de Almada, frequentada por alunos de diferentes classes sociais, assumindo as características necessárias para a recolha dos dados. A amostra neste estudo é constituída por um total de 187 sujeitos, nomeadamente, 92 sujeitos são alunos e 95 sujeitos são os respetivos encarregados de educação.

Dos 92 alunos (Anexo A) que constitui esta amostra, 49 são do género feminino (53,3%) e 43 são do género masculino (46,7%). Os instrumentos foram aplicados a alunos do 10º ano ao 12º ano, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, com média idades de 16,92 e um desvio-padrão de 0.67. Dos alunos inquiridos, apenas 14 frequentam o 10º ano (15,2%), 27 frequentam o 11º ano (29,3) e a sua maioria frequenta o 12º ano (55,4%), correspondendo a 51 alunos.

No que diz respeito à caracterização da amostra dos Encarregados de Educação (Anexo B), a mesma, é constituída por um total de 95 sujeitos, entre os quais, 63 são do

género feminino (66,3%) e 32 são do género masculino (33,7%). Os encarregados de educação têm idades compreendidas entre os 35 e os 76 anos, com média de idades de 44,14 e um desvio-padrão de 6,84. Relativamente às habilitações literárias (Anexo x) dos Encarregados de Educação, a maior percentagem incide no ensino secundário com 37 sujeitos (38,9%) e 34 sujeitos que têm o ensino superior (35,8%). De seguida, temos 16 sujeitos que têm como habilitações literárias o 3º ciclo (16,8%), 6 sujeitos com o 2º ciclo (2,1%) e apenas 2 sujeitos com o 1º ciclo (2,1%). De acordo com a Classificação Portuguesa das Profissões (2011), categorizámos as profissões dos Encarregados de Educação. Perante isto, verificámos que 28 sujeitos (29,5%) pertencem à categoria de Especialistas das actividades intelectuais e científicas, 20 sujeitos (21,1%) pertencem à categoria de trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores, 16 sujeitos (16,8%) pertencem à categoria de trabalhadores não qualificados, 14 sujeitos (14,7%) pertencem à categoria de pessoal administrativo, 6 sujeitos (6,3%) pertencem à categoria técnicos e profissões de nível intermédio, 5 sujeitos (5,3%) pertencem à categoria de profissões das forças armadas e por fim, outros 5 sujeitos (5,3%) pertencem à categoria de operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem.

Instrumentos

Para a presente investigação, foram seleccionados três instrumentos:

- I. Questionário Sociodemográfico;
- II. Estilos de Socialização Parental na Adolescência (ESPA-29);
- III. Health Behavior Schooled Children (HBSC).

Deste modo, aplicámos três questionários aos alunos (Questionário Sociodemográfico, ESPA-29 e *Health Behavior Schooled Children*) e dois questionários aos Encarregados de Educação (Questionário Sociodemográfico e ESPA-29 adaptado). De seguida, são explicados detalhadamente cada instrumento.

- I- Questionários Sociodemográficos Alunos e Encarregados de Educação

Os Questionários Sociodemográficos foram concebidos com o objectivo de recolher dados sociodemográficos que aparentaram ser importantes para a realização desta investigação. Foram criados dois questionários distintos e simples, um para os alunos e outro para os encarregados de educação do aluno.

Relativamente aos alunos (Anexo C), este instrumento permitiu-nos aceder aos seguintes dados:

1. Qual o Encarregado de Educação (Mãe, Pai ou no caso de ser outro elemento da família indicar qual);
2. Sexo (género feminino ou masculino);
3. Ano de escolaridade que frequenta.

No que diz respeito aos encarregados de educação (Anexo D), este instrumento possibilitou-nos aceder aos seguintes dados:

1. Qual o Encarregado de Educação (Mãe, Pai ou no caso de ser outro elemento da família indicar qual);
2. Habilitações Literárias;
3. Profissão.

De forma a respeitar a confidencialidade e o anonimato dos participantes, não foi solicitada qualquer informação que possibilitasse a identificação dos mesmos.

II- Estilos de Socialização Parental na Adolescência: ESPA-29 (Musitu & García, 2001, cit. por Nunes, Luis, Lemos, Ochoa, 2015)

É uma escala que permite estudar os estilos de socialização parental em crianças e adolescentes dos 10 aos 18 anos (Anexo E). Desenvolvida por Musitu e García (2001), avalia os estilos de socialização de ambos os pais, com base em duas dimensões: a Aceitação/Implicação e a Coerção/Imposição. Estas duas dimensões incluem subescalas, como, o afeto, indiferença, diálogo, displicência, coerção verbal, coerção física e privação.

São apresentadas 13 situações positivas (exemplo: "Se obedço ao que me manda.") e 16 situações negativas (exemplo: "Se não estudo ou não quero fazer os trabalhos de casa que me mandam da escola"). Nas situações positivas, que se referem à dimensão 'Aceitação/Implicação' (supõe manifestações de aprovação e aceitação quando a criança cumpre com as normas de funcionamento familiar) são analisados o grau de afeto ("mostra-me carinho") e indiferença ("mostra-se indiferente").

No que diz respeito às situações negativas, são analisadas as subescalas seguintes: o diálogo (“fala comigo”) e a displicência (“não liga”) pertencente à dimensão Aceitação/Implicação; a coerção verbal (“discute comigo”), a coerção física (“bate-me”) e a privação (“proíbe-me de...”), pertencente à dimensão Coerção/Imposição (normalmente utilizado em situações onde os filhos quebram as regras de funcionamento familiar, tendo como objetivo anular essas condutas inadequadas).

De modo a estimar a frequência percebida de cada comportamento parental, os participantes devem avaliar 106 possibilidades de resposta para o encarregado de educação, numa escala de 4 pontos (1 - nunca; 2 - algumas vezes, 3 - muitas vezes, 4 - sempre). A pontuação na escala ‘Aceitação/Implicação’ obtém-se considerando as médias das respostas nas subescalas de Afeto, Diálogo, Indiferença e Displicência para o encarregado de educação. Já a pontuação na escala Coerção/Imposição obtém-se considerando as médias das respostas nas subescalas de Privação, Coerção verbal e Coerção física para pais e mães. Assim, a partir das pontuações obtidas em cada uma destas dimensões tipifica-se o estilo de socialização de cada pai como autoritativo, indulgente, autoritário ou negligente (Martínez, García, Camino, Camino, 2011).

A versão portuguesa da ESPA-29 apresentou boas características psicométricas, com níveis de consistência interna e de estabilidade temporal bastante satisfatórios. Assim, após os resultados obtidos na validação para a população portuguesa, podemos concluir que a versão portuguesa da ESPA-29 é fiável para o estudo dos estilos de socialização parental em adolescentes portugueses (Nunes, Luís, Lemos & Ochoa, 2015).

Para analisar a perceção que o encarregado de educação tem sobre as suas próprias práticas parentais, foi necessário realizar uma adaptação da escala ESPA-29 (Anexo F). Assim, convertimos as 29 situações, mantendo a mesma estrutura, dimensões e subescalas, mas aplicadas à visão dos encarregados de educação. Deste modo, com a adaptação realizada, conseguimos verificar a perceção que os pais têm das suas práticas parentais, ou seja, como reagem com os filhos perante as situações apresentadas.

III- *Health Behavior Schooled Children: HBSC* (Currie, Van der Luís, Whitehead, Currie, Rhodes, Neville & Inchley, 2015)

Para este instrumento, seleccionámos 6 itens com o objetivo de recolher informações relativas à utilização e frequência de comportamentos de risco, designadamente, consumo de tabaco, álcool, *cannabis*, sexualidade e *bullying* escolar (Anexo G). Na resposta, o sujeito tem

de assinalar com uma cruz a resposta que lhe parece mais adequada, indicando se já adotou ou não, alguns dos comportamentos apresentados.

Na questão 1 - Com que frequência consomes tabaco, o sujeito tem uma escala de 0 a 3 (0 - eu não fumo; 1 - menos de uma vez por semana; 2 - pelo menos uma vez por semana; 3 - todos os dias).

Relativamente à questão 2 - Já consumiste bastante álcool ao ponto de ficar embriagado e à questão 3 - Já consumiste *cannabis*?, foi apresentado ao sujeito uma escala de resposta de 0 a 4 (0 - não, nunca; 1- sim, uma vez; 2 - sim, duas a três vezes; 3 - sim, quatro a dez vezes; 4 - sim, mais de dez vezes).

No âmbito das relações sexuais desprotegidas, de forma a verificar o comportamento de risco, a não utilização do preservativo, questionou-se o aluno relativamente à prática das relações sexuais. Desta forma, caso respondessem positivamente à questão anterior, responderiam à questão 4 - Usaste preservativo na última relação sexual?, numa escala de 0 a 1 (0 - sim; 1 - não).

Por fim, no que diz respeito ao *bullying escolar*, colocámos as seguintes questões: 5- Com que frequência praticaste *bullying* a outro aluno na escola nos últimos meses? e 6 - Com que frequência estiveste envolvido numa briga nos últimos 12 meses? Para a questão 5, foi apresentada aos sujeitos a seguinte escala de resposta: 0- não intimidei outros aluno(s) na escola nos últimos dois meses; 1 - só aconteceu uma ou duas vezes; 2- duas ou três vezes por mês; 3- cerca de uma vez por semana; 4 - várias vezes por semana. Na questão 6 a escala de resposta apresentada foi também de 0 a 4 (0 - não estive envolvido numa briga física nos últimos 12 meses; 1 - uma vez; 2 - duas vezes; 3 - três vezes; 4 - quatro vezes ou mais).

Procedimento

Para a recolha dos dados, primeiramente, procedemos ao contacto com a escola, falando directamente com a Direcção e solicitando a aprovação da aplicação dos questionários (Anexo H). A aplicação dos questionários foi aprovada pela Direcção, mas sem a possibilidade de a investigadora estar presente, tendo ficado acordado com um adjunto do Director, que a aplicação dos questionários iria ser feita pelo mesmo. Apesar disso, foram dadas as instruções necessárias ao adjunto do Director, para o preenchimento dos respectivos questionários.

Nesse sentido, foi entregue em primeiro lugar, uma autorização aos alunos, para ser entregue aos encarregados de educação, de modo a ser autorizada a participação dos mesmos no presente estudo (Anexo I). Em conjunto com a autorização de participação, foi entregue o questionário para os encarregados de educação.

Posteriormente, após reunidas todas as autorizações dos alunos, foi marcado com o director de turma, uma hora para o adjunto do director aplicar os questionários aos alunos que tinham sido autorizados pelos pais a participar no estudo. Os questionários para os alunos tinham a seguinte ordem de preenchimento: 1) Questionário sociodemográfico, 2) Estilos de Socialização Parental na Adolescência (ESPA-29) e 3) *Health Behavior Schooled Children* (HBSC). Relativamente aos questionários para os encarregados de educação foi entregue com a seguinte estrutura: 1) Questionário sociodemográfico e 2) Estilos de Socialização Parental na Adolescência (ESPA-29) adaptado.

Após a recolha dos questionários, verificámos que três questionários relativos aos alunos foram excluídos pois não estavam preenchidos na sua totalidade. Para além disso, constatámos que os questionários estavam preenchidos de forma incorrecta. No que diz respeito ao questionário de estilos de Socialização Parental, em vez de estarem preenchidos numa escala de 4 pontos (1 - nunca, 2 - algumas vezes, 3 - muitas vezes, 4 - sempre), tanto pelos alunos, como pelos encarregados de educação, foi preenchido com uma cruz nas subescalas que se adequavam melhor, perante as 29 situações apresentadas.

Perante este cenário, foi necessário alterar a cotação da escala. Assim, com base na literatura apresentada sobre os estilos parentais, foi atribuído a cada subescala (afecto, indiferença, diálogo, displicência, coerção verbal, coerção física e privação), um estilo socialização parental de forma a que pudéssemos verificar qual o estilo que os respectivos encarregados de educação se encaixavam, perante as práticas educativas parentais que os sujeitos seleccionaram. A Tabela 1 apresenta a atribuição das várias práticas educativas parentais aos vários estilos de socialização parental.

Tabela 1 - Associação das práticas educativas parentais aos estilos de socialização parental

Estilos Parentais	Práticas Educativas Parentais	
Autoritativo	Afecto ("mostra-me	Diálogo ("Fala comigo"/"Falo

	carinho”/”mostro-lhe carinho”)	com ele”)
	Displicência (“Não liga”/”Não ligo”)	
Indulgente		
	Coerção Verbal (“Discute comigo”/”Discuto com ele”)	Privação (“Proíbe-me de...”/”Proíbo-o de...”)
Autoritário		
	Indiferença (“Mostra-se indiferente”/”Mostro- me indiferente”)	Coerção Física (“Bate-me”/Bate- lhe”)
Negligente		

Portanto, as subescalas afecto (“mostra-me carinho”/ “mostro-lhe carinho”) e diálogo (“fala comigo”/ “falo com ele”), corresponde a práticas educativas parentais mais predominantes no estilo autoritativo, pois neste estilo de socialização parental predomina a comunicação e o carinho entre os pais e os respectivos filhos.

Relativamente à subescala displicência (“não liga”/ “não ligo”), corresponde ao estilo de socialização parental autoritário, estando muito presente neste estilo o facto de os pais mesmo achando não ser adequado alguns comportamentos, não ligam e assumem como algo normal.

No que diz respeito às subescalas de Coerção Verbal (“Discute comigo”/ “Discuto com ele”) e Privação (“Proíbe-me de...”/ “Proíbo-o de...”), foram atribuídas ao estilo de socialização parental autoritário, pois está muito presente neste estilo o facto de os pais imporem de forma rígida e através da proibição as suas normas de conduta familiar. Por fim foi atribuído ao estilo de socialização parental negligente, as subescalas de indiferença (“mostra-se indiferente”/ “mostro-me indiferente”) e coerção física (“Bate-me” / “Bato-lhe”), sendo que os pais neste estilo de socialização parental apresentam práticas educativas de desinteresse e agressividade.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Estatística Descritiva Geral

O tratamento dos dados foi feito com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS, versão 24. Numa fase inicial procedeu-se à realização da análise de estatística descritiva geral dos dados, onde foi possível descrever a amostra.

De seguida, procedemos à segunda fase da análise descritiva geral, onde foi possível perceber através da moda, o estilo parental predominante para as 29 situações apresentadas, tanto para os alunos, como para os encarregados de educação. Realizámos a seguinte análise de forma a respondermos à primeira questão de investigação - Existe convergência entre a perceção que os alunos têm das práticas educativas parentais e a perceção que os pais têm das suas próprias práticas educativas? De acordo com Maroco e Bispo (2005), a moda corresponde ao valor observado mais frequentemente. A tabela 2 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 2 - Estatística descritiva do questionário ESPA-29 alunos e encarregados de educação

ESPA-29	Alunos		Encarregados de Educação	
	<i>N</i>	<i>Moda</i>	<i>N</i>	<i>Moda</i>
Situação 1	92	1	95	1
Situação 2	92	1	95	1
Situação 3	92	1	95	1
Situação 4	92	1	95	1
Situação 5	92	1	95	1
Situação 6	92	3	95	3
Situação 7	92	1	95	1
Situação 8	92	1	95	1
Situação 9	92	1	95	1
Situação 10	92	1	95	1
Situação 11	92	3	95	3
Situação 12	92	3	95	3

Situação 13	92	3	95	3
Situação 14	92	1	95	1
Situação 15	92	3	95	3
Situação 16	92	1	95	1
Situação 17	92	3	95	3
Situação 18	92	1	95	1
Situação 19	92	3	95	3
Situação 20	92	1	95	1
Situação 21	92	1	95	1
Situação 22	92	1	95	1
Situação 23	92	1	95	1
Situação 24	92	1	95	1
Situação 25	92	3	95	3
Situação 26	92	3	95	3
Situação 27	92	1	95	1
Situação 28	92	1	95	1
Situação 29	92	3	95	3

1- Estilo autoritativo; 2- Estilo indulgente; 3- Estilo autoritário; 4- Estilo Negligente

As 29 situações apresentadas neste questionário estão divididas em situações positivas e negativas, como já foi referido na descrição do instrumento. Para as situações positivas (1, 3, 5, 7, 10, 14, 16, 18, 22, 23, 24, 27, 28) poderíamos ter dois cenários possíveis, percepção de práticas educativas parentais associadas ao estilo autoritativo ou ao estilo negligente.

Na tabela 2, pode-se verificar que em todas as situações positivas tanto os alunos, como os encarregados de educação percecionaram práticas educativas parentais associadas predominantemente ao estilo autoritativo.

Já no que diz respeito às situações negativas (2, 4, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 17, 19, 20, 21, 25, 26, 29), seria possível obter uma percepção de práticas educativas parentais associadas a todos os estilos, designadamente, autoritativo, indulgente, autoritário, negligente. Ao analisarmos a tabela 2, verificámos que o estilo predominante nas situações negativas 6, 11, 12, 13, 15, 17, 19, 25, 26 e 29 é o estilo de socialização parental autoritário. Assim, só para as situações negativas 2, 4, 8, 9, 20 e 21, é que verificámos que predomina o estilo autoritativo.

Todavia, concluímos que nas situações negativas o estilo de socialização parental predominante é o autoritário.

De forma geral, nas 29 situações apresentadas os estilos de socialização que são predominantes são o autoritativo e o autoritário, tanto para os alunos como para os encarregados de educação. Podemos concluir que houve convergência de resultados, pois tanto a percepção dos alunos dos estilos de socialização parentais, como a percepção dos pais sobre os seus próprios estilos de socialização apresentam valores iguais, nas 29 situações apresentadas.

Numa terceira fase realizámos a estatística descritiva geral sobre os comportamentos de risco. Nesta análise descritiva analisámos 6 itens relativos à utilização e frequência de comportamentos de risco, designadamente tabaco, álcool, *cannabis*, relações sexuais desprotegidas e *bullying* escolar. A tabela 3 apresenta esses resultados.

Tabela 3 - Estatística descritiva do questionário *Health Behavior Schooled Children*

HBSC	<i>N</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio-Padrão</i>
1- Consumo de Tabaco	92	0	3	0,46	0,98
2- Consumo de Álcool	92	0	3	0,34	0,77
3- Consumo <i>Cannabis</i>	92	0	2	0,12	0,39
4- Não utilização do preservativo	92	0	1	0,23	0,56
5- <i>Bullying</i>	92	0	1	0,02	0,15
6- Envolvimento em Brigas	92	0	0	0,00	0,00

Ao observarmos a tabela 3, verificámos que estes alunos apresentam poucos comportamentos de risco, pois os valores obtidos são bastante baixos. Contudo, a tabela indica que os comportamentos de risco maiores são os seguintes: consumos de tabaco e álcool. Seguidamente, verificámos que existem poucos alunos que apresentam comportamentos de risco de consumo de *cannabis* e a não utilização do preservativo. Por fim,

no que diz respeito ao *bullying* e envolvimento em brigas, estes comportamentos de risco, são praticamente inexistentes na nossa amostra.

Correlações de Variáveis

Para verificarmos as relações entre as variáveis género e ano de escolaridade, com os comportamentos de risco, realizámos medidas de associação não paramétricas, tendo sido realizados coeficientes de correlação de *Spearman*. Para esta análise excluímos 2 itens do questionário sobre comportamentos de risco, designadamente, o item 6 (*bullying*) e o item 7 (envolvimento em brigas), pois no presente estudo, os alunos não apresentam estes comportamentos de risco, como se pode verificar na tabela 3.

De seguida analisaremos os dados que permitem responder à questão de investigação 2 - O género masculino e feminino relacionam-se com os comportamentos de risco?

A tabela 4 apresenta as correlações entre o género e os consumos de tabaco, álcool e *cannabis* e a não utilização do preservativo.

Tabela 4 - Correlações entre o género e os comportamentos de risco

	Consumo de Tabaco	Consumo de Álcool	Consumo de <i>Cannabis</i>	Não utilização do Preservativo
Género	,03	,18	,12	0,01

Ao observarmos a tabela 4, concluímos que não existe qualquer correlação significativa entre o género e os comportamentos de risco apresentados.

Apresentamos seguidamente na tabela 5 os dados relativos às correlações entre o ano de escolaridade e os comportamentos de risco, de forma a responder à questão de investigação 3 - O ano de escolaridade está relacionado com os comportamentos de risco?

Tabela 5 - Correlações entre o ano de escolaridade e os comportamentos de risco

	Consumo de Tabaco	Consumo de Álcool	Consumo de <i>Cannabis</i>	Não utilização do Preservativo
Ano Escolar	,37**	,26*	,28**	,36**

*p<0,05; **p<0,01

Através da tabela 5, podemos observar que o ano de escolaridade tem uma correlação positiva e estatisticamente significativa com o consumo de tabaco e com a não utilização do preservativo. O ano de escolaridade encontra-se também, correlacionado positiva e significativamente com o consumo de álcool e *cannabis*. Assim, concluímos que quanto maior é o ano de escolaridade, mais comportamentos de risco se verificam, em especial, o consumo de tabaco e a não utilização de preservativo. Contudo, todas as correlações apresentadas apesar de serem correlações positivas e estatisticamente significativas, são correlações fracas.

Para responder à quarta questão de investigação 4 - Os comportamentos de risco estão relacionados entre si? apresentamos na tabela 6 os coeficientes de correlação de *Spearman*, entre os vários comportamentos de risco.

Tabela 6 - Correlações entre os vários comportamentos de risco

	Consumo de Tabaco	Consumo de Álcool	Consumo de <i>Cannabis</i>	Não utilização do Preservativo
Consumo de Tabaco	-	,67**	,54**	,68**
Consumo de Álcool	-	-	,57**	,53**
Consumo <i>Cannabis</i>	-	-	-	,34**

Não utilização do Preservativo	-	-	-	-
-----------------------------------	---	---	---	---

*p<0,05; **p<0,01

De acordo com a tabela 6, o consumo de tabaco tem uma correlação forte e estatisticamente significativa com o consumo de álcool e a não utilização do preservativo. Assim, quanto maior é o consumo de tabaco, maior é o consumo de álcool e a não utilização do preservativo. Já o consumo de *cannabis* apresenta uma correlação moderada estatisticamente significativa com o consumo de tabaco e álcool, ou seja, quanto maior é o consumo de cannabis, maiores são os consumos de tabaco e álcool, respetivamente. O item relativo à não utilização do preservativo, também tem uma correlação moderada e estatisticamente significativa com o consumo de álcool, isto é, quanto maior é o consumo de álcool, maior é a não utilização do preservativo. Contudo o consumo de *cannabis* também apresenta uma correlação positiva, apesar de ser uma correlação fraca e estatisticamente significativa, com o comportamento de risco, não utilização do preservativo.

De um modo geral, concluímos que existem correlações positivas estatisticamente significativas, entre todos os comportamentos de risco analisados. No entanto, as correlações são mais fortes, entre o consumo de tabaco, com a não utilização do preservativo e o consumo de álcool.

Associação entre os estilos parentais e os comportamentos de risco

Para testar a hipótese 1 - adolescentes que percebem os seus pais como tendo práticas educativas associadas ao estilo de socialização autoritativo apresentam menores comportamentos de risco do que adolescentes que percebem os seus pais como tendo práticas educativas associadas ao estilo de socialização autoritário, realizámos um teste, *T-Student*.

Em primeira instância, criámos no SPSS uma variável independente que designámos como variável grupos 1 e 2. Com base nas tabelas de frequências relativas à percepção dos estilos de socialização parental dos adolescentes (Anexo J) constituímos dois grupos distintos: o grupo 1 constituído por alunos que percebem os seus pais como tendo um estilo de socialização parental, maioritariamente autoritativo (igual ou superior a 18 pontos no estilo autoritativo e inferior ou igual a 9 pontos no estilo autoritário) e o grupo 2 constituído por alunos que percebem os seus pais como tendo um estilo de socialização parental, tanto

autoritativo (inferior ou igual a 18 pontos), como autoritário (igual ou superior a 10 pontos). Para esta análise, excluimos 4 sujeitos, porque não se enquadravam nestes critérios.

Para analisar os comportamentos de risco realizámos a soma dos 4 comportamentos de risco, designadamente, o consumo de tabaco, consumo de álcool, consumo de *cannabis* e a não utilização do preservativo. O valor mínimo relativamente aos comportamentos de risco é de 0 ponto e o valor máximo é 12 pontos. A tabela 7 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 7 - Teste *T-Student* para a comparação entre os comportamentos de risco dos grupos

Grupos	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio- Padrão</i>	<i>T</i>	<i>g.l</i>	<i>Sig. (bilateral)</i>
1	51	1,19	2,13	0,19	86	,850
2	37	1,10	2,18	-	-	-

1- Estilo Autoritativo 2- Estilo Autoritativo e Autoritário

A partir do teste de *Levene*, que permite-nos averiguar a homogeneidade das variâncias, concluímos que as variâncias são iguais nos dois grupos, uma vez que a significância associada ao teste é superior a 0,05. Deste modo, assumindo a homogeneidade das variâncias, utilizámos os valores do teste *t* para igualdade de variâncias (Anexo K).

Ao observarmos a tabela 7 verificámos que não existem diferenças significativas entre os grupos ao nível dos comportamentos de risco ($p=,850$). Assim perante esta amostra, verificámos que tanto os alunos que percecionam os seus pais como tendo um estilo de socialização autoritativo (grupo 1), como os alunos que percecionam os seus pais como tendo um estilo de socialização autoritativo/autoritário (grupo 2) têm comportamentos de risco equivalentes, pois as médias são praticamente iguais.

CAPÍTULO V- DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A nossa investigação teve como principal objectivo estudar a associação entre as práticas educativas parentais e os comportamentos de risco. Foi ainda analisada a percepção que os pais têm das próprias práticas educativas, de forma a compararmos com a percepção que os alunos têm das práticas educativas parentais. Assim, neste capítulo iremos proceder à discussão dos resultados.

Em primeira análise, relativamente à estatística descritiva geral dos estilos parentais, constatámos que os alunos percebem os seus pais como tendo maioritariamente um estilo de socialização autoritário e autoritativo. No entanto, existem diferenças nessa percepção, isto é, os alunos percebem os seus pais como tendo determinadas práticas educativas, consoante as situações apresentadas. No questionário de Estilos de Socialização Parental na Adolescência (Musitu & Garcia, 2001, cit. por Nunes, Luis, Lemos & Ochoa, 2015), são apresentadas 29 situações do quotidiano como situações, positivas e negativas. Verificámos que perante as situações negativas (e.g. “Se digo uma mentira e descubrem que menti.”) as práticas educativas parentais que os alunos identificavam eram maioritariamente coercivas, nomeadamente, “Discute comigo” e “Proíbe-me de...”, sendo assim, associadas ao estilo de socialização parental autoritário. O mesmo sucede-se com os encarregados de educação, que perante situações negativas do quotidiano, percebem-se como tendo maioritariamente práticas educativas associadas aos estilo de socialização parental autoritário. De la Torre, García-Linares e Casanova (2014, cit. por Bosch, Tornaria e Massonnier 2016) indicam que a percepção dos adolescentes de um estilo parental autoritário está associada a maiores manifestações de agressividade, pois os seus pais tendem a continuar com o comportamento de controlo rigoroso sobre os filhos.

Contrariamente, podemos observar que em todas as situações positivas do quotidiano, tanto os alunos como os encarregados de educação, percebem-se como tendo práticas educativas parentais de afecto (“mostra-me carinho”) e diálogo (“fala comigo”), estando assim ligadas ao estilo de socialização autoritário. Concluímos que nas situações negativas, tanto os adolescentes como os encarregados de educação, reagem de forma mais coerciva e nas situações positivas reagem de forma mais afetuosa, e com base na comunicação. Cardoso e Veríssimo (2013) mencionam que pais com um estilo de socialização parental autoritativo promovem um ambiente intelectualmente estimulante para os seus filhos, pois existe um equilíbrio entre os níveis de exigência e afectividade.

Contudo, observámos que existe convergência entre a forma como os encarregados de educação e os alunos percebem as práticas educativas parentais. Gomes (2010) sugere que os pais com um nível de escolarização superior enquadram-se maioritariamente num estilo autoritativo. Desta forma, acreditamos que estes resultados podem estar relacionados com o nível de escolarização dos encarregados de educação, sendo que mais de metade dos encarregados de educação têm o ensino secundário (38,9%) ou o ensino superior (35,8%).

Ao concluirmos que a percepção dos estilos de socialização dos alunos e dos pais são convergentes, remete-nos para a ideia que ambos, tanto os encarregados de educação, como os pais, estão conscientes das práticas educativas parentais utilizadas. Sendo a família o primeiro contexto de socialização, o qual desempenha um papel importante no comportamento e desenvolvimento das crianças (Baumrind, 1991; Parke & Buriel, 2006, cit. por Cardoso & Veríssimo, 2013), acreditamos ser positivo a convergência de resultados, pois estando os encarregados de educação conscientes das práticas utilizadas, será mais fácil delinear uma possível intervenção junto dos mesmos, no sentido da promoção de práticas parentais positivas. A promoção de práticas parentais positivas tem apresentado excelentes resultados e tem sido realizada, especialmente, junto a pais cujos filhos apresentam problemas de comportamento ou, ainda, outros diagnósticos clínicos (Gulliford et al., 2015, cit. por Schmidt, Staud & Wagner, 2016). Desta forma, a intervenção com base na prevenção de maus-tratos e negligência na infância, reduz o risco de problemas de comportamentos e outros desfechos negativos ao longo do desenvolvimento (Cullen et al., 2010; Reedtz et al., 2011; Rodrigo et al., 2006, cit. por Schmidt, Staud & Wagner, 2016).

A adolescência é percebida como uma etapa onde ocorre maior contacto com novas experiências, sendo a fase do desenvolvimento humano que é considerada como um período de maior vulnerabilidade ao risco (Alves & Aglio, 2015). Apesar dos adolescentes nesta fase estarem mais expostos ao risco, constatamos nesta amostra, que os comportamentos de risco, de um modo geral, são bastante baixos. No entanto, perante os resultados baixos nos comportamentos de risco, verificámos que existe uma maior tendência para os consumos de tabaco e álcool.

Ferreira e Torgal (2010) mencionam que o tabaco e o álcool são das primeiras drogas consumidas pelos adolescentes, surgindo num contexto social, sendo o acesso muito facilitado, pois são substâncias legais (Sousa, 2017, cit. por Marques, Viveiro & Passadouro, 2013). Para além disso, outro factor descrito na literatura para um maior consumo destas substâncias psicoactivas é o marketing que é desenvolvido à volta dos produtos, nomeadamente, sabores bastante diversificados tanto para álcool como para o tabaco,

contendo imagens bastante apelativas. Outro factor, apontado pelos adolescentes, é o ritual de integração, contribuindo para um maior consumo destas substâncias psicoactivas (Marques, Viveiro & Passadouro, 2013). Ainda assim, Bahr, Hofmann e Yang (2005, cit. por Paiva & Rozani, 2009) mencionam outros factores que propiciam a adopção do consumo de substâncias psicoactivas, designadamente, a falta de suporte parental, o consumo de droga pelos progenitores e atitudes parentais permissivas perante o consumo dos filhos.

No que diz respeito ao consumo de *cannabis*, acreditamos que os adolescentes apresentam poucos comportamentos de risco, pois trata-se de uma substância ilícita. Já no que diz respeito à não utilização do preservativo, verificámos que são poucos os adolescentes que indicam não utilizarem preservativo durante uma relação sexual, pois também são poucos os adolescentes que indicaram ter iniciado a vida sexual. Neste sentido, alguns autores afirmam que, na fase final da adolescência, é quando os adolescentes interessam-se mais em aspectos das relações românticas e sexuais (Regan, Durvasula, Howell, Ureño, & Rea, 2004, cit. por Tronco & Aglio, 2012). Para além disso, a utilização de preservativo na última relação sexual, em adolescentes com idade igual ou superior a 15 anos, verifica-se ter aumentado nos últimos anos em diversos países (WHO, 2012). Contudo, a influência da cultura, a religião, a escola, assim como as questões políticas e económicas, têm influência na formação da sexualidade. Práticas parentais onde predominam práticas educativas associadas a um estilo de socialização autoritário, contribui para a existência de mitos e tabus, colocando o adolescente numa situação de risco (Cano & Ferriani, 2000, cit. por Martins et al., 2012).

Os nossos resultados vão ao encontro de um estudo longitudinal realizado em Portugal, no ano de 2014, a alunos com idades compreendidas entre os 10 anos e os 20 anos de idade, verificando-se também que a grande maioria dos adolescentes afirmou não ter experimentado tabaco, álcool ou drogas ilegais, nomeadamente, *cannabis* (Matos et., al, 2014).

Antunes (1998, cit. por Boné & Bonito, 2011) refere que um adolescente que ingere bebidas alcoólicas tem maior probabilidade de desenvolver comportamentos desviantes. Gil-García, Martini e Porcel-Gálvez (2013) realizaram um estudo, concluindo que o fator que exerce maior influência nas práticas sexuais desprotegidas é o consumo de álcool, pois os adolescentes mencionam em vários estudos, que consomem álcool de forma a desinibir (Faria, 2013). Assim, na presente investigação verificámos que todos os comportamentos de risco estão relacionados entre si, não ocorrendo isoladamente. Esta situação vai ao encontro de um estudo realizado, a adolescentes com idade igual ou superior a 15 anos, que constatou que consumidores de álcool, tabaco, drogas ilícitas e que se envolvem em situações de

violência são também aqueles que iniciam mais cedo a sua vida sexual (O'Donnell, O'Donnell & Stueve, 2001; Liu, Kilmarx, Jenkins, Manopaiboon, Mock & Jeeyapunt, 2006; Madkour, Farhat, Halpern, Godeau & Gabhainn 2010, cit. por Gonçalves et al., 2015).

Relativamente ao *bullying escolar*, verificámos que praticamente nenhum aluno mencionou ter vivenciado recentemente esta situação. No que diz respeito à correlação entre o género e os comportamentos de risco, na nossa amostra, não obtivemos nenhuma correlação. Estes resultados podem ser explicados, perante a média dos comportamentos de risco ser muito baixa, ou seja, verifica-se que a maioria destes alunos não estão em contacto com este tipo de riscos. Contudo, a literatura apresenta-nos alguns estudos relativamente ao género e os comportamentos de risco. Neste sentido, temos um estudo longitudinal realizado por Broaddus, Schmiede e Bryan (2011, cit. por Chinazzo, Câmara & Frantz, 2014) que demonstra que quanto maior for a experiência sexual do adolescente, maior a tendência para a redução da utilização do preservativo, independentemente do género.

O ano de escolaridade e os comportamentos de risco relacionam-se entre si. Esta relação verifica-se entre todos os comportamentos de risco seleccionados, designadamente, consumo de tabaco, consumo de álcool, consumo de *cannabis* e a não utilização do preservativo. Assim, acreditamos que esta situação possa estar relacionada com o facto de termos uma amostra de alunos, maioritariamente a frequentar o 12º ano de escolaridade (55,4%), pois de acordo com Fonseca (2010) existe uma tendência para a progressão no consumo de drogas lícitas (e.g. álcool e tabaco) para drogas ilícitas (e.g. *cannabis*). Assim, quanto maior for o ano de escolaridade maiores são os consumos de tabaco, álcool e *cannabis*, mas também maior é a não utilização do preservativo.

A hipótese 1) - adolescentes que percebem os seus pais como tendo práticas educativas parentais associadas ao estilo de socialização autoritativo apresentam menores comportamentos de risco do que adolescentes que percebem os seus pais como tendo práticas educativas parentais associadas ao estilo de socialização autoritário, não foi confirmada. Desta forma, verificou-se que não existem diferenças nos comportamentos de risco, tanto para o grupo 1 (autoritativo) como para o grupo 2 (autoritário/autoritativo). No entanto, esta situação é corroborada pela literatura apresentada no enquadramento teórico e na problemática.

Neste sentido, Steinberg (2001, cit. por Silva, Constantino & Rondini, 2012) menciona que adolescentes que têm pais que se enquadram no tipo de estilo de socialização parental autoritativo, são menos propensos a comportamentos antissociais, delinquência e drogas. Desta forma, o estilo de socialização parental autoritativo é mencionado na literatura como

tendo um impacto muito positivo no desenvolvimento dos adolescentes, pois estes apresentam menores riscos de consumo de substâncias psicoactivas e de relações sexualmente desprotegidas (Valdivia, 2010; Cano, Solanas & Marí-Klose, 2012; Becoña, Hermida & Secades-Villa, 2012; Rebellón, Rivas, Estévez, Calatrava & Burgo, 2009, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016)

Outros estudos demonstram que o estilo de socialização parental autoritário tem consequências comportamentais negativas, incluindo agressão, externalização e menor função emocional (Abadi, Kimiaee & Amir, 2011). Assim, este estilo é descrito como um fator de risco para o consumo de substâncias (Martínez et al., 2013, cit. por Bosch, Tornaria e Massonnier, 2016), pois práticas que educativas parentais com características coercivas está relacionada com comportamentos de risco, designadamente, agressão, hiperatividade ou delinquência (Patterson & Prinzie, 1982, 2000, 2004, cit. por Bosch, Tornaria & Massonnier, 2016).

De acordo com Dwairy & Menshar (2006, cit. por Abadi, Kimiaee & Amir, 2011), a saúde mental está associada ao estilo de socialização autoritativo e não ao estilo de socialização autoritário. Segundo a literatura é considerado o estilo que promove o desenvolvimento psicológico das crianças e adolescentes, pois descreve o equilíbrio entre o afeto e controlo, aceitação e monitorização (Steinberg & Dornbuch, 1994, cit. por Soares & Almeida, 2011). Ainda assim, Soares (2007, cit. por Simões, Ferreira, Braga & Vicente, 2015) refere que pais que promovem maiores competências sociais nas crianças e estabelecem regras diminuem a tendência de comportamentos de risco por parte dos filhos.

Acreditamos que os resultados não mostraram diferenças significativas nos comportamentos de risco, devido a dois factores. Primeiramente, a constituição dos grupos não é feita de forma igual, pois temos o grupo 2 que para além de englobar dois estilos de socialização parental (autoritativo/autoritário), têm um número de adolescentes inferior ao grupo 1 (autoritativo). Para além disso, estes resultados podem estar também relacionados com o facto dos adolescentes apresentarem baixos comportamentos de risco. Não obstante, o esperado seria o grupo 1 (autoritativo) apresentar menos comportamentos de risco que o grupo 2 (autoritativo/autoritário).

Ainda assim, estes resultados podem ser justificados pelo estudo de Beal, Ausiello e Perrin (2001), que revelam que as práticas educativas parentais têm mais influenciam em comportamentos de risco como o consumo de álcool, enquanto os restantes comportamentos de risco, como as relações sexuais desprotegidas, estão mais suscetíveis à influência do grupo de pares.

Perante estes resultados, verificou-se um novo estilo de socialização parental, onde temos pais que apresentam práticas educativas parentais associadas tanto ao estilo autoritativo como ao estilo autoritário. Assim, quando confrontados com situações positivas (e.g. “Se obedeco ao que mando.”) os pais tendem a reagir com práticas educativas parentais de diálogo e afeto, associadas assim, ao estilo de socialização autoritário. Contrariamente, quando confrontados com situações negativas (e.g. “ Se não estuda ou não quer fazer os trabalhos de casa que lhe mandam da escola“) os pais tendem a reagir com práticas educativas de coerção verbal e privação, associadas ao estilo de socialização parental autoritário. Contudo, os estilos parentais e as dimensões do comportamento parental, são fatores determinantes no desenvolvimento e adaptação do adolescente (Cerezo, et al., 2011; Soenens, et al., 2006; Cruz, 2005, cit. por Soares & Almeida 2011).

Para uma melhor compreensão dos resultados obtidos na nossa investigação, importa debater as suas principais limitações. Podemos começar por salientar aquela que consideramos ser a maior limitação do nosso estudo, o número da amostra. Julgamos que 92 adolescentes e 95 encarregados de educação não serão um número suficiente para que possamos generalizar os nossos resultados, uma vez que também a amostra por conveniência não pode ser generalizada. Acreditamos que sendo uma amostra muito superior, nomeadamente em diversas regiões do país, os resultados seriam bastante diferentes. Outra das limitações do estudo é o facto de não fazermos distinção entre os encarregados de educação, ou seja, não verificamos a perceção dos alunos e pais, tanto para a perceção da mãe, como para a perceção do pai. Para além disso, consideramos outra limitação o facto de não termos conseguimos verificar o nível de aceitação/implicação e coerção/imposição nas práticas educativas parentais, devido ao preenchimento incorrecto dos questionários. Desta forma, acreditamos que esta situação, teve influência nos resultados obtidos.

Por fim, em futuras investigações, sugerimos que seja verificado se a perceção que os pais têm das suas próprias práticas educativas parentais, tem ou não, influência na adopção dos comportamentos de risco.

Referências Bibliográficas

- Abadi, M., Kimiaee, A. & Amir, F. (2011). The Relationship between Parents' Child Rearing Styles and Their Children's Quality of Life and Mental Health. *Journal Psychology*, 2, 230-234.
- Alves, F. & Dell'Aglio, D. (2015). Percepção de Apoio Social de Adolescentes de Escolas Públicas. *Revista de Psicologia da IMED*, 7 (2), 89-98.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Balsa, C., Vital, C. & Urbano, C. (2017). *IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2016/17. I relatório final*. (Centro interdisciplinar de ciências sociais FCSH/UNL). Consultado a 2 de outubro de 2017 em:
http://www.sicad.pt/PT/Documents/2017/INPG%202016_2017_I%20relatorio%20final_dados_provisorios.pdf
- Beal, A., Ausiello, J. & Perrin, J. (2001). Social influences on health risk behaviors among minority middle school students. *Journal of Adolescent Health*, 28, 474-480.
- Boné, M. & Bonito, J. (2011). Compreender o consumo de álcool entre os estudantes dos ensinos básico e secundário, In B. O. Pereira e G. S. Carvalho (orgs.), *Atas do VII Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde (pp. 1512-1523)* Braga: Centro de Investigação em Estudos da Crianças do Instituto de Educação da Universidade do Minho. [ISBN 978-989-85-37-00-3]
- Cardoso, J. & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 4 (31), 393-406.
- Bosch, A., Tornaría, M., & Massonnier (2016). Estilos relacionales parentales: estudio com adolescentes y sus padres. *Revista de Psicologia*, 34 (3), 413-444.
- Chinazzo, R., Câmara, G. & Frantz, G. (2014). Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais. *Psico-USF, Bragança Paulista*, 19 (1), 1-12.
- Coutinho, C. (2008). Estudos correlacionais em educação: potencialidades e limitações. *Psicologia, Educação e Cultura*, 12 (1), 143-169.
- Cunha, A. (2014). *Bullying: um estudo exploratório das práticas parentais e das atitudes relativas à diversidade de género e etnia na compreensão do fenómeno* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Portugal). Consultado a 2 de julho de 2017: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35858/1/Ana%20Catarina%20Rodrigues%20da%20Cunha.pdf>

- Cruz, O. & Lima, I. (2012). Qualidade do ambiente familiar – preditores e consequências no desenvolvimento das crianças e jovens. *Revista Amazônica*, 8(1), 246-265.
- Cruzeiro, A., Souza, L., Silva, R., Pinheiro, R., Rocha, C. & Horta, B. (2010). Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(1), 1149-1158.
- Dessen, M. A. & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17 (36), 21-32. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>
- DiClemente, R., Wingood, G., Crosby, R., Sionean, C., Cobb, B., Harrington, K., Davies, S., Hook, E. & Oh, M. (2001). *Parental Monitoring: Association With Adolescents' Risk Behaviors. Pediatrics*, 107 (6), 1363-1368.
- Diogo, J. (1998). *Parceria Escola-Família: A caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editor.
- Falcke, D., Rosa, L. & Steigleder, V. (2012). Estilos Parentais em Famílias com Filhos em Idade Escolar. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 5 (2), 282-293
- Faria, A. S. L. (2013). *O consumo de cannabis e álcool pelos adolescentes*. Dissertação de mestrado. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Feijó, R. & Oliveira, E. (2001). Comportamento de Risco na Adolescência. *Jornal de Pediatria*, 77 (2), 125-134.
- Ferreira, M. & Torgal, M. (2010). Consumo de tabaco e de álcool na adolescência. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, 18 (2), 123-129.
- Fonseca, A. C. (2010). O consumo de cannabis na adolescência: dados de um estudo português. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 44 (2), 61-79.
- Gil-García, E., Martini, J.G. & Porcel-Gálvez, A.M. (2013). Consumo de álcool e práticas sexuais de risco: o padrão dos estudantes de enfermagem de uma universidade espanhola. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 21 (4), 1-7.
- Gomes, M. (2010). (Des) Complexificando os Estilos Parentais – Com Pais Casados e Pais Divorciados/Separados. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Gonçalves, H., Machado, E. C., Soares, A. L. G., Figuera, F. A., Seering, L. M., Mesenburg, M. A., Guttier, M. C., Barcelos, R. S., Buffarini, R., Assunção, M. C. F., Hallal, P. C. & Menezes, A. M. B. (2015). Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 18(1), 25-41.

- Huebner, A. & Howell, L. (2003). Examining the Relationship Between Adolescent Sexual Risk-Taking and Perceptions of Monitoring, Communication, and Parenting Styles. *Journal of Adolescent Health*, 33, 71-78.
- Instituto Nacional de Estatística. (2011). Classificação Nacional de Profissões. INE, IP, 3-485.
- Kotchick, B., Shaffer, A., Forehand, R. & Miller, K. (2001). Adolescent Sexual Risk Behavior: A Multi-System Perspective. *Clinical Psychology Review*, 21 (4), 493-519.
- Looze, M., Eijnden, R., Verdurmen, J., Vermeulen-Smit, E., Schulten, I., Vollebergh, W & Bogt, T. (2012). *Parenting Practices and Adolescent Risk Behavior: Rules on Smoking and Drinking Also Predict Cannabis Use and Early Sexual Debut*. *Prevention Science*, 13 (6), 594-604
- Maroco, J., & Bispo, R. (2005). *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Marques M., Viveiro, C. & Passadouro, R. (2013). Uma Velha Questão numa População Jovem: o Consumo de Álcool nos Adolescentes Escolarizados. *Acta Médica Portuguesa*, 26 (2), 133-138.
- Martínez, I., García, J. F., Camino, L. & Camino, C. P. S. (2012). Socialização Parental: *Adaptação ao Brasil da Escala ESPA29*.
- Martins., C., Alencastro, L., Matos, K., Almeida, F., Souza, S. & Nascimento, S. (2012). As questões de género quando à sexualidade dos adolescentes. *Revista oficial do núcleo de estudos de saúde do adolescentes*, 9 (1), 25-32.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. & Gaspar, T. (2009). *III. Violência, Bullying e Delinquência*. Lisboa: Coisas de ler edições.
- Matos, M., Simões, C., Gaspar, T., Chamacho, I., Reis, M. & Tomé, G. (2014). A saúde dos adolescentes portugueses em tempos de recessão- dados nacionais HBSC/OMS. *Equipa da Aventura Social*.
- Morgado, A., Dias, M., & Paixão, M. (2013). O desenvolvimento da socialização e o papel da família. *Análise Psicológica* , 2 (XXXI): 129-144.
- Musitu, G. & García, G. (2004). ESPA29 Escala de Estilos de Socialización Parental en la Adolescencia. Madrid: TEA Ediciones, S.A.
- Nunes, C., Luis, K., Lemos, I. & Musitu, G. (2015). Características psicométricas da versão portuguesa da escala de socialização parental na adolescência ESPA-29. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28 (2).

- Oliveira, W., Silva, J., Yoshinaga, A. & Silva, M. (2015). Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico-USF*, 20(1), 121-132
- Paiva, P. & Ronzani, T. (2009). Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*. 14 (1), 177-183.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2001). O mundo da criança (8ª ed.). Lisboa: McGraw Hill.
- Reis, I. & Peixoto, I. (2013). “Os meus pais só me criticam.”- Relações entre práticas parentais (perfeccionismo e crítica) e a autoestima, o autoconceito académico, a motivação e a utilização de estratégias de self-handicapping. *Análise Psicológica*, 4(XXXI), 343-358.
- Simões, S., Ferreira, J. Braga, S. & Vicente, H. (2015). Bullying, Vinculação e estilos educativos parentais em adolescentes do 3º ciclo do ensino básico. *Revista Portuguesa de Investigação comportamental e Social*, 1, 30-41.
- Schmidt, B., Staudt, A., & Wagner, A. (2016). Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa. *Contextos Clínicos*, 9 (1), 2-18.
- Silva, A. S. & Deus A. A. (2005). Comportamentos de Consumo de haxixe e saúde mental em adolescentes: estudo comparativo. *Análise Psicológica*, 23 (2), 151-170.
- Silva, C., Constantino, E. & Rondini, C. (2012). Família, adolescência e estilos parentais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(2), 221-230.
- Soares, D. L. & Almeida, L. S. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. Trabalho apresentado em XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, In Libro de Actas do XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, Corunha.4071 – 4083.
- Sousa, K. (2017). Alguns factores que influenciam o consumo precoce de álcool. *Revista Espaço Acadêmico*, 193: 92-101.
- Torío, S., Peña, J. & Inda, M. (2008). Estilos de educación familiar. *Psicothema*, 20(1), 62-70.
- Tronco, C. B. & Dell`Aglío, D. D. (2012). Caracterização do Comportamento Sexual de Adolescentes: Iniciação Sexual e Gênero. Gerais: *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 5(2), 254-269.
- Willoughby, T., Good, M., Adachi, P. J., Hamza, C., & Tavernier, R. (2013). Examining the link between adolescent brain development and risk taking from a social-developmental perspective. *Brain and Cognition*, 83(3), 315-323.

World Health Organization. (2012). Adolescent health. Retrieved from:
http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/.

Anexos

Anexo A – Caraterização da amostra alunos

		Aluno	Género	ano_escolar
<i>N</i>	<i>Valid</i>	92	92	92
	<i>Missing</i>	0	0	0
	<i>Minimum</i>	1	1	1
	<i>Maximum</i>	1	2	3

Género

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Valid	feminino	49	53.3	53.3	53.3
	masculino	43	46.7	46.7	100.0
	Total	92	100.0	100.0	

Ano_escolar

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Valid	10º ano	14	15.2	15.2	15.2
	11º ano	27	29.3	29.3	44.6
	12º ano	51	55.4	55.4	100.0
	Total	92	100.0	100.0	

Anexo B- Caracterização da amostra encarregados de educação

	Género	Hab_Lit	Profissão
<i>N Valid</i>	95	95	95
<i>Missing</i>	0	0	0
<i>Minimum</i>	1	1	0
<i>Maximum</i>	2	5	9

Género

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Valid	feminino	63	66.3	66.3	66.3
	masculino	32	33.7	33.7	100.0
	Total	95	100.0	100.0	

Habilitações literárias

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Valid	1º ciclo	2	2.1	2.1	2.1
	2º ciclo	6	6.3	6.3	8.4
	3º ciclo	16	16.8	16.8	25.3
	secundário	37	38.9	38.9	64.2
	ensino superior	34	35.8	35.8	100.0
	Total	95	100.0	100.0	

Profissão

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Valid	0	5	5.3	5.3	5.3
	2	28	29.5	29.5	34.7

3	6	6.3	6.3	41.1
4	14	14.7	14.7	55.8
5	20	21.1	21.1	76.8
7	1	1.1	1.1	77.9
8	5	5.3	5.3	83.2
9	16	16.8	16.8	100.0
Total	95	100.0	100.0	

Classificação Portuguesa das Profissões (2011)

Grandes Grupos CITP/ISCO/2008
0- Profissões de Forças Armadas
1- Representantes de poder legislativo de órgão executivos, dirigentes, directores e gestores executivos.
2- Especialistas das actividades intelectuais e científicas
3- Técnicos e profissões de nível intermédio
4- Pessoal administrativo
5- Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores
6- Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e floresta
7- Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices
8- Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem
9- Trabalhadores não qualificados

Anexo C- Questionário Sociodemográfico dos alunos

No âmbito de uma investigação sobre Práticas educativas parentais e comportamentos de risco na adolescência, solicito a tua colaboração no preenchimento do seguinte questionário. A tua participação neste estudo passa pelo preenchimento de dois questionários. Primeiramente, deves preencher os dados sociodemográficos. De seguida, deves preencher a escala ESPA-29 que permite estudar os estilos de socialização parental na adolescência. Por fim, deves preencher o questionário Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) que pretende estudar os estilos de vida dos adolescentes e os seus comportamentos nos vários cenários das suas vidas. Informo que todas as informações recolhidas são **anónimas** e **confidenciais**.

Encarregado de Educação: Mãe: Pai: Outro: _____

Idade: _____

Sexo: Feminino Masculino

Ano de Escolaridade: _____

Anexo D- Questionário Sociodemográfico dos encarregados de educação

No âmbito de uma investigação sobre Práticas educativas parentais e comportamentos de risco na adolescência, solicito a sua colaboração no preenchimento do seguinte questionário. A seguinte escala, é uma adaptação da escala ESPA-29, tendo o objetivo de estudar a perceção que os pais têm sobre as suas próprias práticas parentais. O presente questionário deverá ser preenchido apenas pelo **Encarregado de Educação** do aluno. Informo que todas as informações recolhidas são **anónimas** e **confidenciais**.

Idade: _____

Encarregado de Educação: Mãe: Pai: Outro: _____

Habilitações Literárias: _____

Profissão: _____

Anexo E- Questionários ESPA-29 alunos

INSTRUÇÕES: Os itens do questionário em baixo descrevem situações referentes às formas como o teu Encarregado de Educação responde/reage quando fazes alguma coisa.

Lê atentamente as perguntas e responde a cada uma com a maior sinceridade possível.

As pontuações que vais utilizar compreendem uma escala de 1 a 4.

1 corresponde a NUNCA;

2 corresponde a ALGUMAS VEZES;

3 corresponde a MUITAS VEZES;

4 corresponde a SEMPRE.

Utiliza a pontuação que achas que descreve a situação que vives em casa.

Exemplo:

	Mostra-me carinho	Mostra-se Indiferente
Se recolho a mesa.	3	2

Se pontuaste 3 em “mostra-me carinho” significa que, o teu encarregado de Educação, quando recolhes a mesa, mostra-te carinho muitas vezes.

Se pontuaste 2 em “mostra-se indiferente” significa que, o teu encarregado de Educação, quando recolhes a mesa, mostra-se indiferente algumas vezes.

Assim, para as 29 situações descritas, pontua a reação do teu encarregado de educação, de acordo com as seguintes dimensões:

Mostra-me carinho: Quer dizer que te felicita; diz que fazes algo muito bem; que está orgulhoso em ti; dá-te um beijo ou um abraço; ou tem outra demonstração de carinho.

Mostra-se indiferente: Significa que mesmo que faças as tarefas, não se preocupa muito contigo ou com o que fazes.

Fala comigo: quando fazes algo que não estás certo, isso faz pensar sobre o teu comportamento e explica-te porque não o deverias voltar a fazer.

Não liga: significa que sabe o que fizeste e, mesmo que considere que não é adequado, não te diz nada. Assume que é normal agir assim.

Discute comigo: significa que chama a tua atenção para coisas erradas.

Bate-me: Isso significa que te atinge ou agride com a mão ou outro objeto.

Proíbe-me de...: é como privar-te de algo, dar-te menos do que é normal; deixar-te sem assistires a televisão por um tempo; proibir-te sair de casa; fecha-te no quarto.

Deves pontuar, na devida escala de 1 a 4, **TODAS** as dimensões, no respetivo quadrado.

1-nunca; 2-algumas vezes; 3-muitas vezes; 4-sempre					
1-Se obedeco ao que me manda	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>			
2-Se não estudo ou não quero fazer os trabalhos de casa que me mandam da escola.	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate-me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>
3-Se vem alguém visitar-nos a casa e porto-me bem.	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>			
4-Se parto ou estrago alguma coisa em casa.	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate-me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>
5-Se as minhas notas no final do ano forem boas.	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>			
6-Se ando sujo e mal-arranjado.	Bate-me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>
7-Se tenho um bom comportamento em casa e não interrompo as suas atividades.	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>			
8-Se fica a saber que parti ou estraguei alguma coisa fora de casa ou de alguém.	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate-me <input type="checkbox"/>

1-nunca; 2-algumas vezes; 3-muitas vezes; 4-sempre					
9- Se tenho alguma negativa nas minhas notas de final de ano.	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate- me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>
10- Se ao chegar a noite, volto para casa na hora marcada, sem atrasos.	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>			
11- Se saio de casa para ir a algum sítio, sem pedir autorização a ninguém.	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate- me <input type="checkbox"/>
12- Se fico levantado até muito tarde, por exemplo a ver televisão.	Bate- me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>
13- Se algum dos meus professores informa que me porto mal nas aulas.	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate- me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>
14- Se cuido das minhas coisas e ando limpo e asseado.	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>			
15- Se digo uma mentira e descobrem que menti.	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate- me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>
16- Se respeito os horários estabelecidos na minha casa.	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>			
17- Se fico por aí com as minhas amigas e/ou amigos e chego tarde a casa de noite.	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate- me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>
18- Se arrumo e cuido as coisas na minha casa.	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>			

1-nunca; 2-algumas vezes; 3-muitas vezes; 4-sempre					
19- Se brigo com algum amigo ou com algum dos meus vizinhos.	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate- me <input type="checkbox"/>
20- Se fico furioso e perco o autocontrolo por algo que me correu mal ou por alguma coisa que não me concederam.	Bate- me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>
21- Quando não como o que me colocam na mesa.	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate- me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>
22- Se os meus amigos ou qual quer pessoa lhe dizem que sou bom companheiro.	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>			
23- Se fala com algum dos meus professores e recebe alguma carta da escola a dizer que me porto bem.	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>			
24- Se estudo o suficiente e faço os trabalhos de casa.	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>			
25- Se chateio em casa e não deixo que os meus pais vejam as notícias ou o jogo de futebol.	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate- me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>
26- Se sou desobediente.	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate- me <input type="checkbox"/>	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>
27- Se como tudo o que me põem na mesa.	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>			
28- Se não falto nunca à escola e sou sempre pontual.	Mostra-me carinho <input type="checkbox"/>	Mostra-se Indiferente <input type="checkbox"/>			
29- Se alguém vem visitar-nos a casa e faço barulho ou	Proíbe-me de... <input type="checkbox"/>	Fala comigo <input type="checkbox"/>	Não liga <input type="checkbox"/>	Discute comigo <input type="checkbox"/>	Bate- me <input type="checkbox"/>

chateio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
----------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Anexo F- Questionário ESPA-29 adaptado aos encarregados de educação

INSTRUÇÕES: Os itens do questionário em baixo descrevem situações referentes às formas como “eu”, Encarregado de Educação, respondo/reajo quando o meu filho faz alguma coisa. Leia atentamente todas as perguntas e responda a cada uma, com a maior sinceridade possível.

As pontuações que deverá utilizar compreendem uma escala de 1 a 4.

1 corresponde a NUNCA;

2 corresponde a ALGUMAS VEZES;

3 corresponde a MUITAS VEZES;

4 corresponde a SEMPRE.

Utilize a pontuação que melhor descreve a situação que vive em sua casa.

Exemplo:

	Mostro-lhe carinho	Mostro-me Indiferente
Se recolhe a mesa.	3	2

Se pontuou 3 em “mostro-lhe carinho” significa que, “eu” encarregado de educação, quando o meu filho recolhe a mesa, mostro-lhe carinho muitas vezes.

Se pontuou 2 em “mostro-me indiferente” significa que, “eu” encarregado de educação, quando o meu filho recolhe a mesa, mostro-me indiferente algumas vezes.

Assim, para as 29 situações descritas, pontue a sua reação, de acordo com as dimensões seguintes:

Mostro-lhe carinho: Quer dizer que o felicito; digo que faz algo muito bem; que estou orgulhosa dele; dou-lhe um beijo ou um abraço; ou tenho outra demonstração de carinho.

Mostro-me Indiferente: Significa que mesmo que faça as tarefas, não me preocupo muito com ele ou com o que faz.

Falo com ele: quando faz algo que não está certo, faço-o pensar sobre o seu comportamento e explico-lhe porque não o deveria voltar a fazer.

Não Ligo: significa que sabe o que ele fez, mas mesmo que considere que não é adequado, não lhe diz nada. Assume que é normal agir assim.

Discuto Com ele: significa que chamo a sua atenção para coisas erradas.

Bato-lhe: Isso significa que o atinjo ou agrido com a mão ou outro objeto.

Proíbo-o de...: privo de algo, dou menos do que é normal; deixo sem assistir a televisão por um tempo; proíbo sair de casa; fecho no quarto.

Deve pontuar, na devida escala de 1 a 4, **TODAS** as dimensões, no respetivo quadrado.

1-nunca; 2-algumas vezes; 3-muitas vezes; 4-sempre					
1-Se obedece ao que mando fazer	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>			
2-Se não estuda ou não quer fazer os trabalhos de casa que lhe mandam da escola	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>
3-Se vem alguém visitar-nos a casa e porta-se bem	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>			
4-Se parte ou estraga alguma coisa em casa	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>
5-Se as notas no final do ano forem boas	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>			
6-Se anda sujo e mal-arranjado	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>
7-Se tem um bom comportamento em casa e não interrompe as actividades	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>			

1-nun <input type="checkbox"/> 2-algumas vezes; 3-muitas vezes; 4-sempre					
8-Se fico a saber que partiu ou estragou alguma coisa fora de casa ou de alguém.	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>
9-Se tem alguma negativa nas notas de final de ano.	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>
10-Se ao chegar à noite a casa, volta na hora marcada, sem atrasos.	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>			
11-Se sai de casa para ir a algum sítio, sem pedir autorização a ninguém.	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>
12-Se fica levantado até muito tarde, por exemplo a ver televisão.	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>
13-Se algum dos professores informa que se porta mal nas aulas.	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>
14-Se cuida das suas coisas, anda limpo e asseado.	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>			
15-Se mente e descobrem que mente.	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>
16-Se respeita os horários estabelecidos em casa.	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>			
17-Se fica por ai com amigas e/ou amigos e chega tarde a casa, de noite.	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>
18-Se arruma ou cuida das coisas em casa.	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>			

1-nunca; 2-algumas vezes; 3-muitas vezes; 4-sempre					
19- Se briga com algum amigo ou com algum dos seus vizinhos.	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>
20- Se fica furioso e perde o autocontrolo por algo que lhe correu mal ou por alguma coisa que não lhe concederam.	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>
21- Quando não come o que lhe colocam na mesa.	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>
22- Se os seus amigos ou qualquer pessoa lhe dizem que é bom companheiro.	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>			
23- Se fala com algum dos seus professores e recebe alguma carta da escola a dizer que se porta bem.	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>			
24- Se estuda o suficiente e faz os trabalhos de casa.	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>			
25- Se chateia em casa e não deixa que os pais vejam notícias ou o jogo de futebol.	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>
26- Se é desobediente.	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>
27- Se come tudo o que lhe põe na mesa.	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>			

1-nunca; 2-algumas vezes; 3-muitas vezes; 4-sempre					
28- Se não falta nunca à escola e é sempre pontual.	Mostro-lhe carinho <input type="checkbox"/>	Mostro-me Indiferente <input type="checkbox"/>			
29- Se alguém vem visitar-nos a casa e faz barulho ou chateia.	Proíbo-o de... <input type="checkbox"/>	Falo com ele <input type="checkbox"/>	Não ligo <input type="checkbox"/>	Discuto com ele <input type="checkbox"/>	Bato-lhe <input type="checkbox"/>

Anexo G- Questionário HBSC

INSTRUÇÕES: Neste questionário deverás escolher a opção que te parece mais adequada, assinalando com um (X) a frequência com que tens os comportamentos descritos em baixo. Lê atentamente todas as perguntas e responde a cada uma com a maior sinceridade possível.

1- Com que frequência consumes tabaco?

Todos os dias Pelo menos uma vez por semana Menos de uma vez por semana Eu não fumo

2- Já consumiste bastante álcool ao ponto de ficares embriagado?

Não, nunca Sim, uma vez Sim, 2-3 vezes Sim, 4-10 vezes Sim, mais de 10 vezes

3- Já consumiste canábis?

Não, nunca Sim, uma vez Sim, 2-3 vezes Sim, 4-10 vezes Sim, mais de 10 vezes

4- Já tiveste relações sexuais?

Sim Não

4.1- Se respondeste sim à questão anterior, indica se usaste preservativo na última relação sexual?

Sim Não

Dizemos que um aluno está a ser atacado quando outro aluno, ou grupo de alunos, dizem ou fazem coisas desagradáveis para esse aluno. Também é *bullying*, quando um aluno é provocado repetidamente, de uma maneira que não gosta ou quando é deliberadamente posto de parte nas atividades quotidianas. Mas não é *bullying*, quando dois alunos com a mesma força ou poder, argumentam ou lutam. Também não é *bullying* quando um aluno é provocado de forma amigável e brincalhona.

5- Com que frequência praticaste *bullying* a outro aluno na escola nos últimos dois meses?

Não intimidei outros		Só		2 ou 3		Cerca de		Várias	
aluno(s) na escola	<input type="checkbox"/>	aconteceu	<input type="checkbox"/>	vezes	<input type="checkbox"/>	uma vez	<input type="checkbox"/>	vezes	<input type="checkbox"/>
nos últimos dois		uma ou		por		por		por	
meses		duas vezes		mês		semana		semana	

6- Com que frequência estiveste envolvido numa briga nos últimos 12 meses?

Não estive						4	
envolvido em	<input type="checkbox"/>	1 Vez	<input type="checkbox"/>	2 Vezes	<input type="checkbox"/>	3 Vezes	<input type="checkbox"/>
uma briga física							4
nos últimos 12							Vezes
meses							ou
							mais

Anexo H- Consentimento informado para as escolas

À Direção do Agrupamento da Escola

No âmbito do Mestrado Integrado, os alunos finalistas do Mestrado em Psicologia Educacional do ISPA - Instituto Universitário, têm que desenvolver uma dissertação de tese que integre uma componente prática de investigação. Para o seu trabalho, a aluna Cátia Sofia Reis Proença, optou por escolher como tema, Práticas educativas parentais e comportamentos de risco na adolescência.

Neste sentido venho solicitar a autorização para a recolha de dados, da presente investigação, na vossa instituição. Os participantes serão alunos entre 15 e 18 anos e o respetivo encarregado de educação, às quais serão aplicados questionários com o objetivo de avaliar os estilos de socialização parentais e a adoção de comportamentos de risco. A administração dos questionários aos adolescentes será acordada com os respetivos encarregados de educação.

Garantimos que todos os elementos recolhidos serão confidenciais, não sendo divulgadas as identificações dos participantes.

Sem outro assunto de momento, agradeço desde já a atenção dispensada para a realização do referido estudo e encontramos-nos disponíveis para qualquer esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos

Lisboa, 07 de Fevereiro de 2017

O Orientador da Dissertação

Prof. Doutor José Castro Silva

Almada, Setembro de 2017

Exmo.(a) Sr.(a) Encarregado (a) de Educação

Eu, Cátia Sofia Reis Proença, aluna do Mestrado integrado em Psicologia Educacional do ISPA- Instituto Universitário, estou a desenvolver a minha tese sobre Práticas educativas parentais e comportamentos de risco na adolescência.

Neste sentido, venho solicitar a colaboração neste estudo, do Encarregado de Educação e o respetivo educando. O Encarregado de Educação deverá preencher um questionário, que tem como objetivo identificar os estilos de socialização parentais. O respetivo educando deverá preencher dois questionários, de modo a identificar possíveis comportamentos de risco e a perceção dos próprios sobre as práticas educativas parentais.

As informações recolhidas serão confidenciais e utilizadas unicamente para fins de investigação deste estudo.

Deste modo, solicito que preencha e assine o formulário de autorização que está abaixo e o devolva ao Diretor de Turma do seu Educando(a) com a maior brevidade possível. Agradecemos antecipadamente a colaboração prestada.

OBRIGADA!

✂-----

Eu, _____ (nome do/a

Encarregado/a de Educação) abaixo assinado, Encarregado/a de Educação do/a aluno/a

_____ (nome do/a

aluno/a), declaro que: Autorizo Não Autorizo o/a meu/minha educando/a a participar

no estudo sobre o papel da leitura de contos de fada, no conhecimento das emoções que irá decorrer nesta Escola, tendo-me sido garantida a total confidencialidade dos dados recolhidos.

Data: ____ / ____ / 2017

(Assinatura do/a Encarregado/a de Educação)

Anexo J- Tabelas de frequências Espa-29 para alunos

	Autoritativo	Indulgente	Autoritário	Negligente
1	14	0	10	5
2	18	1	10	0
3	22	1	4	2
4	21	0	8	0
5	5	3	10	11
6	17	1	10	1
7	18	0	10	1
8	17	0	12	0
9	17	0	12	0
10	18	0	11	0
11	16	0	13	0
12	21	0	8	0
13	17	0	12	0
14	17	0	11	1
15	18	0	11	0
16	22	0	7	0
17	21	0	8	0
18	17	0	11	1
19	17	0	8	4
20	20	0	9	0
21	20	0	9	0
22	19	0	10	0
23	22	1	6	0
24	24	0	4	1
25	23	1	5	0
26	16	0	9	4
27	27	0	0	2
28	26	1	1	1
29	24	1	3	1
30	21	1	6	1
31	28	0	0	1
32	20	0	9	0
33	21	2	5	1
34	24	1	3	1
35	27	0	2	1
36	22	0	6	1
37	25	0	3	1
38	19	0	9	1
39	12	0	9	8
40	18	1	9	1
41	21	1	7	0
42	16	1	11	1
43	19	0	11	0
44	20	0	9	0
45	18	0	10	1

46	21	0	7	1
47	14	0	13	1
48	15	0	14	0
49	21	0	7	1
50	18	0	11	0
51	19	0	10	0
52	22	1	7	0
53	13	0	12	4
54	19	1	8	1
55	20	0	8	1
56	22	0	7	0
57	17	1	10	1
58	22	0	6	1
59	24	1	2	2
60	13	2	10	4
61	16	0	12	1
62	23	1	5	0
63	18	0	10	1
64	22	0	7	0
65	14	0	14	1
66	21	0	8	0
67	23	0	6	0
68	18	0	10	1
69	24	0	5	0
70	17	0	8	4
71	21	1	6	1
72	20	0	9	0
73	14	1	13	1
74	20	1	7	1
75	19	0	9	1
76	17	0	11	1
77	20	2	5	2
78	12	0	9	8
79	18	0	10	1
80	21	1	6	1
81	19	0	8	2
82	20	1	7	1
83	23	0	5	1
84	21	0	8	0
85	18	0	10	1
86	20	0	9	0
87	19	0	10	0
88	15	0	13	1
89	7	1	9	12
90	20	0	7	2
91	15	1	12	1
92	26	0	3	0

Anexo K- T-Student para amostras independentes

Estatísticas de grupo					
	ESPA_GRUPOS	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
COMP_RISCO	1,00	51	1,1961	2,12621	,29773
	2,00	37	1,1081	2,18306	,35889

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
COM P_RISCO	Variâncias iguais assumidas	,091	,764	,189	86	,850	,08797	,46434	-,83510	1,01104
	Variâncias iguais não assumidas			,189	76,510	,851	,08797	,46631	-,84067	1,01661

